



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

BRIAN FILLIPE RODRIGUES PIRES

**Discursos religiosos e sexualidade: A representação do conflito entre fé e identidade
nos filmes Boy Erased e Orações Para Bobby**

Monografia

Mariana
2025

BRIAN FILLIPE RODRIGUES PIRES

Discursos religiosos e sexualidade: A representação do conflito entre fé e identidade nos filmes *Boy Erased* e *Orações Para Bobby*

Monografia apresentada ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa

Mariana
2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

P667d Pires, Brian Fillipe Rodrigues.

Discursos religiosos e sexualidade [manuscrito]: a representação do conflito entre fé e identidade nos filmes Boy Erased e Orações Para Bobby. / Brian Fillipe Rodrigues Pires. - 2025.
61 f.

Orientadora: Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Cinema. 2. Discursos religiosos. 3. Sexo - Aspectos religiosos. I. Barbosa, Karina Gomes. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 070:2

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Brian Fillipe Rodrigues Pires

Discursos religiosos e sexualidade:

A representação do conflito entre fé e identidade nos filmes Boy Erased e Orações Para Bobby

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aprovada em 15 de julho de 2025.

Membros da banca

Dra. Karina Gomes Barbosa - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Mariana Barbosa Gonçalves (Universidade Federal de Ouro Preto)
Me. Pedro Antun Lavigne de Lemos (Universidade Federal de Ouro Preto)

Karina Gomes Barbosa, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 09/03/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Karina Gomes Barbosa da Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/03/2026, às 19:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1071825** e o código CRC **5E87B7D9**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente aos meus pais, Mirvânia e Celso, à minha irmã Daiany e à minha tia Marísia. Sem o apoio deles durante a graduação, talvez eu não tivesse chegado até aqui. Agradeço a todos os amigos que fiz ao longo da caminhada, pois tornaram o percurso mais leve em muitos momentos.

Sou grato também à minha orientadora, Karina, minha pessoa favorita no curso, que foi mais do que uma professora e esteve ao meu lado, me ouvindo para além deste projeto.

Agradeço à Universidade Federal de Ouro Preto, que foi quase a minha casa durante três anos. Agradeço também a mim mesmo, por não ter desistido.

*À todos os meninos pretos e gays que cresceram
ou ainda vão crescer em lares cristãos*

RESUMO

O presente trabalho investiga, por meio dos filmes *Boy Erased* e *Orações para Bobby*, o impacto dos discursos religiosos sobre a sexualidade na vida de diferentes indivíduos. A pesquisa aborda a violência vivenciada por membros da comunidade LGBTQIA+, fundamentada em interpretações religiosas. Inicialmente, o texto esclarece aspectos relevantes sobre sexualidade, cristianismo, a Bíblia e a interação entre esses elementos. Em seguida, explora a escolha da análise cinematográfica como método e os objetivos do estudo. O propósito do trabalho é compreender como a distorção de textos bíblicos, o apego a uma religiosidade rígida e o preconceito internalizado afetam negativamente indivíduos LGBTQIA+ em contextos hostis. A análise conclui que os filmes revelam o impacto profundo dessas violências e destacam o papel do cinema como instrumento de reflexão crítica e transformação social.

Palavras-chave: Discursos Religiosos; Sexualidade; Fé; Identidade; Comunidade LGBTQIA+.

ABSTRACT

The research investigates, through the analysis of the films *Boy Erased* and *Prayers for Bobby*, the impact of religious discourses on sexuality in the lives of different individuals. The research addresses the violence experienced by members of the LGBTQIA+ community, grounded in religious interpretations. Initially, the text outlines key aspects of sexuality, Christianity, the Bible, and the interaction between these elements. It then explores the choice of film analysis as a methodological approach and the objectives of the study. The purpose of the research is to understand how the distortion of biblical texts, strict religiosity, and internalized prejudice negatively affect LGBTQIA+ individuals in hostile contexts. The analysis concludes that the films reveal the profound impact of such violence and highlight cinema as a tool for critical reflection and social transformation.

Keywords: Religious Discourses; Sexuality; Faith; Identity; LGBTQIA+ Community

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Personagens LGBTQIA+ vestidos de branco no programa de terapia de conversão.	41
Figura 2: Pastor vestido de roupa preta e filmado em posição de superioridade.	42
Figura 3: Em primeiro plano, Jared aparece com os olhos marejados, visivelmente abalado.	48
Figura 4: Jared e sua mãe, filmados de frente, vestindo roupa de cores claras.	49
Figura 5: Última cena do filme. Jared filmado de costas, vestindo roupa escura.	49
Figura 6: Cena do suicídio de Bobby.	51
Figura 7: Cena do jantar. Bobby como espectador.	53

SUMÁRIO

1. Introdução	11
2. Entendendo gênero, sexualidade e a comunidade LGBTQIA+	13
2.1 O Armário	16
2.2 A Igreja	16
2.3 A Defesa da Família Tradicional	20
3. A cultura, a mídia, o cinema e a construção de identidades sociais	26
3.1 O cinema e a formação de identidades	29
3.2 Os filmes	30
4. Metodologia: Análise Cultural Crítica	32
4.1 Análise Geral	35
4.2 Autoridade religiosa como ferramenta de controle	39
4.3 Família, afeto e repressão	43
4.4 Repressão e Identidade	46
4.5 Elementos visuais e sonoros como reforço da opressão	51
5. Conclusão	54
REFERÊNCIAS	57

1. Introdução

Este trabalho investiga, por meio de uma análise dos filmes *Boy Erased* e *Orações para Bobby*, como os discursos sobre sexualidade, alinhados ao cristianismo, impactam a vida de diferentes indivíduos. O objetivo é analisar como essas representações cinematográficas dão visibilidade às consequências práticas dessas crenças para a identidade e saúde mental de jovens LGBTQIA+. A proposta é proporcionar uma compreensão mais profunda dos desafios vividos por esses indivíduos, focando especialmente nas experiências de marginalização e exclusão derivadas de perspectivas religiosas tradicionais.

A escolha específica desses filmes justifica-se pelo fato de que ambos são baseados em histórias reais e abordam experiências com profundas implicações emocionais e sociais, oferecendo uma análise complexa e aprofundada dos efeitos da repressão religiosa. *Boy Erased* aborda, de forma crua e realista, as terapias de conversão, enquanto *Orações para Bobby* apresenta uma perspectiva emocionalmente devastadora sobre o conflito entre fé e aceitação, do ponto de vista de uma mãe religiosa que reflete sobre suas crenças. Esses filmes não apenas apresentam a violência simbólica, como também promovem uma reflexão crítica sobre como a religião pode ser uma ferramenta de exclusão e violência simbólica, permitindo uma análise mais aprofundada da relação entre religião e sexualidade.

Muitos jovens, ao serem expostos a discursos religiosos, crescem acreditando que são “pecadores”, “abominações” ou que estão no “caminho errado”. Essas noções geram repressão, dificuldades na construção da identidade e sérios prejuízos à saúde mental. A motivação para este estudo vem da observação de como essas questões são abordadas no contexto cinematográfico, especialmente nos filmes mencionados, que revelam as tensões entre identidade e crenças religiosas, destacando as consequências dessas crenças na vida de jovens LGBTQIA+. Além disso, a escolha desses filmes contribui para um campo de estudo ainda em expansão, pois as discussões sobre a relação entre religião e identidade LGBTQIA+ em contextos cinematográficos são relativamente novas.

O filme *Boy Erased* (2018) é baseado no livro *Boy Erased: A Memoir* de Garrard Conley (2016), e *Orações para Bobby* (2009) é uma adaptação de uma história real. Ambos oferecem

representações poderosas de como a pressão para conformar-se às normas religiosas tradicionais pode resultar em graves conflitos internos e sofrimento psicológico. As histórias desses filmes destacam a violência simbólica e material associada a essas normas, revelando como a distorção de textos bíblicos, como Levítico 18:22 que diz: “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é”, contribui para a marginalização de indivíduos LGBTQIA+. O estudo de Daniel A. Helminiak (1988) sugere que interpretações literais e descontextualizadas desses textos bíblicos podem ser prejudiciais, ignorando o contexto histórico e cultural original.

A abordagem adotada neste trabalho é interdisciplinar, combinando análises de filmes com teorias de gênero e sexualidade, como as propostas por Judith Butler (2017), e uma crítica às interpretações bíblicas tradicionais, como defendido por Helminiak (1988). O estudo busca refletir sobre os efeitos desses discursos excludentes e como eles afetam a saúde mental e a construção da identidade de pessoas LGBTQIA+, considerando também o papel das representações culturais na mudança ou perpetuação dessas narrativas.

Por fim, a análise dos filmes *Boy Erased* e *Orações para Bobby* não só ilustra as experiências de exclusão, mas também propõe uma reflexão crítica sobre as possíveis transformações no tratamento de questões de sexualidade dentro das comunidades religiosas. Através dessas narrativas, busca-se compreender como a cultura popular pode servir como um espelho para as realidades vividas por indivíduos LGBTQIA+, além de uma plataforma para o questionamento de normas sociais e religiosas excludentes.

2. Entendendo gênero, sexualidade e a comunidade LGBTQIA+

Os conceitos de gênero e o entendimento da comunidade LGBTQIA+ são fundamentais para compreender os desafios enfrentados por jovens dessa população em contextos religiosos. Nesse sentido, Helminiak (1988) demonstra como os discursos sobre sexualidade, quando alinhados ao cristianismo, podem impactar negativamente essas vivências, produzindo exclusão e sofrimento psicológico. Essa análise evidencia como os discursos exercem papel central na construção de significados sobre corpo, identidade e pertencimento.

A centralidade dos discursos também é destacada por Judith Butler (2018), que argumenta que tanto o sexo quanto o gênero são construções discursivas, desafiando a ideia de que o sexo é uma característica biológica fixa. Embora reconheça a materialidade dos corpos, Butler ressalta que os significados e expectativas sociais e culturais atribuídos a eles são resultado de práticas discursivas que os moldam e definem. Assim, gênero e sexo não devem ser entendidos como categorias separadas, mas como parte de um mesmo processo de construção social e performativa.

Essa visão de gênero e sexo como construções sociais é particularmente relevante quando se analisa o impacto das normas religiosas sobre as identidades de gênero e orientação sexual, uma vez que muitas religiões ainda reforçam uma visão binária e rígida sobre o corpo e a sexualidade.

Os conceitos como masculinidade e feminilidade, juntamente com suas normas e expectativas, são moldados pela sociedade, não sendo determinados apenas por características biológicas. Cada indivíduo aprende a se conformar às normas de gênero de sua cultura, incluindo como se vestir, falar e agir, além das profissões consideradas adequadas para cada gênero. Aqueles que não se encaixam nessas normas muitas vezes enfrentam sanções, exclusões e punições, evidenciando a rigidez e o controle social sobre as expressões de gênero.

Butler (2018) argumenta que tanto o sexo quanto o gênero são construções discursivas, desafiando a distinção tradicional entre eles. Ela sugere que o gênero não é apenas uma interpretação cultural de um sexo biologicamente dado, mas que o próprio conceito de sexo é

moldado por práticas discursivas e culturais. Isso é importante para a comunidade LGBTQIA+, pois desafia a ideia de que a identidade de gênero ou a orientação sexual é algo “natural” ou fixo, trazendo à tona as nuances da fluidez e das múltiplas formas de se viver e se expressar. Nesse sentido, a distinção entre sexo e gênero revela uma descontinuidade radical entre corpos e os significados atribuídos a eles. Butler afirma:

Se o gênero são os significados assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. (Butler, 2018, p. 24)

Os atributos e atos que compõem o gênero não são simplesmente reflexos de uma identidade pré-existente, mas são moldados e mantidos através de performances sociais contínuas. Isso implica que não há uma essência de gênero fixa ou verdadeira pela qual os atos de gênero possam ser julgados como verdadeiros ou falsos.

Butler (2018) argumenta que essa visão desafia a concepção tradicional de identidade de gênero como algo inato e fixo, indicando que a própria noção de uma identidade de gênero “verdadeira” é uma construção social voltada à regulação e normalização de comportamentos e expressões dentro da cisheteronormatividade¹.

Butler (2019) discute como os mecanismos de exclusão não se sustentam apenas no repúdio da homossexualidade, mas em uma relação de identificação paradoxal.

A heterossexualidade ‘normativa’ [...] nem sempre – ou não necessariamente – se sustenta no repúdio ou no rechaço pleno da homossexualidade. [...] A abjeção da homossexualidade só pode ter lugar por meio de uma identificação com essa abjeção, uma identificação que deve ser repudiada, que se teme fazer só porque ela já foi feita, uma identificação que institui a abjeção e a sustenta. (Butler, 2019, p. 279)

¹ A cisheteronormatividade é a naturalização e normatização de uma forma específica de se relacionar afetivo-sexualmente: um homem cisgênero se relacionando com uma mulher cisgênero, supondo uma linearidade entre corpo somático, prática sexual e identidade de gênero, linearidade que mantém o binarismo masculino-feminino.

A partir dessa perspectiva, compreende-se que a cisheteronormatividade necessita repudiar aquilo com o que implicitamente se identifica para manter suas normas, reafirmando constantemente um modelo binário e heterossexual de identidade e desejo. Esse processo de abjeção à homossexualidade e às identidades transgêneras não apenas reforça a marginalização, mas também funciona como mecanismo de controle social, ao garantir que o “normal” seja continuamente definido em oposição ao que é considerado “anormal”.

Butler (2019) evidencia que essa rejeição não é apenas externa; ela é internamente reconhecida e repudiada, revelando uma tensão constante na construção das normas de gênero e sexualidade. Essa tensão reflete o medo de que os limites entre o aceitável e o abjeto sejam borrados, expondo a fragilidade das normas sociais. Assim, a sexualidade emerge como campo de disputa, onde a diversidade é reprimida em prol da manutenção de uma identidade heteronormativa que, paradoxalmente, precisa daquilo que rejeita para existir.

A pesquisa de Butler (2019) também aponta que as normas de gênero não existem de forma isolada, mas estão intrinsecamente ligadas à promoção de relacionamentos heterossexuais. As expectativas sobre como homens e mulheres devem ser e se comportar são moldadas para sustentar e idealizar a heterossexualidade como o padrão desejável e normal.

Butler (2018) ainda argumenta que para indivíduos LGBTQIA+, essas normas culturais e a construção social podem limitar severamente suas possibilidades de expressão e identidade. A diversidade de identidades de gênero dentro da comunidade LGBTQIA+ desafia as categorizações tradicionais de gênero e destaca a fluidez e complexidade dessas experiências.

A sigla LGBTQIA+ em si não é consensual, mas o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania do Governo Federal tem trabalhado com ela. Ela representa uma ampla variedade de identidades de gênero e orientações sexuais que diferem das normas tradicionais heteronormativas. Cada letra da sigla carrega um significado específico: L para lésbicas, G para gays, B para bissexuais, T para transgêneros, transexuais e travestis, Q para queer, I para intersexuais, A para assexuais, e o símbolo + para incluir outras identidades não especificadas na

sigla (Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2024). Essa diversidade reflete a complexidade relacionada à identidade de gênero e à orientação sexual.

A importância da sigla LGBTQIA+ reside em sua capacidade de promover a visibilidade e o reconhecimento das diversas identidades dentro da comunidade. Ela celebra a diversidade, desafia estereótipos e combate a discriminação baseada na orientação sexual ou identidade de gênero.

2.1 O Armário

Um relatório² feito em parceria entre a Acontece Arte e Política LGBTI+, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) e a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) apresentado ao Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC, 2023) indica que, em 2022, foram registradas 273 mortes violentas de pessoas LGBTQIA+, sendo que travestis e mulheres trans representam 58,24% das vítimas, seguidas por gays com 35,16%. No ano de 2024, segundo a Agência Brasil³, foram contabilizadas 105 de trans e travestis no Brasil.

Um ponto relevante para que exista o medo de “sair do armário”, além dos altos índices de violência, vem do fato de o país ser muito religioso. Segundo o IBGE (2010), a população total do Brasil era de aproximadamente 191 milhões de pessoas; ainda segundo o IBGE (2010) um levantamento apontou que mais de 165 milhões eram cristãos, católicos ou evangélicos, aproximadamente 86% da população. Em mais uma pesquisa do Censo realizada pelo IBGE (2022), foi apontado que entre 2010 e 2022 a população cresceu em torno de 6,5%, chegando a mais de 203 milhões de habitantes.

Segundo estudo da empresa de pesquisa de mercado Ipsos (2023), dos mais de 203 milhões de habitantes brasileiros, 89% declararam acreditar em Deus ou em um ser superior, e 70% afirmaram seguir o cristianismo em suas variadas vertentes.

²

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/dossie-apresentado-ao-mdhc-indica-273-mortes-de-lgbti-a-no-brasil-em-2022>

³

https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2025-01/com-105-mortes-em-2024-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans?utm_source

Todas essas variantes do cristianismo contribuem para o preconceito, pois suas doutrinas frequentemente citam passagens bíblicas que são interpretadas como condenatórias da homossexualidade. Isso reforça atitudes negativas e intolerantes entre os fiéis, que muitas vezes não aceitam interpretações diferentes das que são pregadas por suas respectivas igrejas. Este cenário alimenta um ambiente onde a discriminação e a violência contra pessoas LGBTQIA+ podem prosperar, exacerbando o preconceito na sociedade brasileira.

No livro *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*, de Daniel A. Helminiak (1988), o autor discute como algumas pessoas religiosas interpretam as Escrituras: “A Bíblia condena a homossexualidade. Está lá, preto no branco. Isto é o que algumas pessoas afirmam, e reforçam sua opinião com citações impressionantes da Bíblia” (Helminiak, 1988, p. 19). Essa visão, contudo, não é unânime dentro das comunidades cristãs, e Helminiak questiona interpretações literais e isoladas, propondo uma análise mais contextualizada dos textos bíblicos.

Portanto, devido a todos esses estigmas, preconceitos e formas de violência, podemos compreender o conceito de ‘armário’ como algo profundamente enraizado na experiência de pessoas LGBTQIA+. Eve Kosofsky Sedgwick (2005) apresenta o ‘armário’ como uma metáfora central para descrever o dilema vivenciado por indivíduos que escondem ou tentam esconder sua sexualidade ou identidade de gênero. Essa ocultação não é apenas uma questão individual, mas também um reflexo das estruturas sociais, econômicas e institucionais que perpetuam a marginalização e o silenciamento da diversidade.

Sedgwick (2005) explica que o ‘armário’ transcende a esfera pessoal, moldando a vida social e as interações comunitárias de maneira abrangente:

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora. (Sedgwick, 2005, p. 22)

No contexto deste trabalho, o ‘armário’ se apresenta como um fenômeno que não apenas

representa um esforço individual de sobrevivência, mas que também evidencia as tensões e os custos emocionais de viver em uma sociedade cisheteronormativa e religiosa, onde a não conformidade pode significar exclusão, violência e perda de direitos fundamentais.

O conceito de ‘armário’ não é limitado apenas ao contexto de ocultação da sexualidade ou identidade de gênero, mas também reflete a internalização do estigma imposto por uma sociedade que marginaliza e criminaliza a diversidade. A pressão para se conformar a normas de gênero e sexualidade cisheteronormativas pode ser tão intensa que muitas pessoas LGBTQIA+ optam por se esconder, mesmo quando desejam viver abertamente, criando uma dicotomia entre quem realmente são e como se veem forçadas a se apresentar para o mundo.

Isso reflete a ideia de que a verdadeira identidade é mantida oculta, dentro de um armário e longe dos olhos do público. Essa ocultação não apenas limita a expressão individual, mas também reforça normas sociais que pressionam a conformidade e dificultam a criação de ambientes acolhedores.

2.2 A Igreja

Os estereótipos sobre homossexualidade adotados por algumas vertentes conservadoras de igrejas evangélicas, como aquelas alinhadas a tradições pentecostais ou neopentecostais, estão centrados na concepção de que se trata de um pecado. Uma perspectiva prejudicial, frequentemente presente em interpretações mais literais e tradicionais dessas vertentes, utiliza versículos bíblicos para classificar a homossexualidade como algo abominável, associando pessoas LGBTQIA+ ou relações homoafetivas como “contrárias à natureza”. De acordo com André Musskopf (2019):

Embora o âmbito das Sagradas Escrituras Cristãs seja uma das áreas mais controversas no debate travado no mundo ocidental sobre esta realidade, as poucas referências que a história da interpretação relegou como referência (de condenação, negação) destas relações podem servir de modelos teológicos sobre esta temática: o Levítico circunscrevendo estas relações pelo código de pureza/impureza a partir da ideia de abominação; [...] Estes textos bíblicos serviram de referência, dentro da história da

teologia cristã, para formar discursos teológicos sobre a homossexualidade. (Musskopf, 2019, p. 115)

O sofrimento da população LGBTQIA+ que passa a infância e grande parte da vida nas igrejas vai além da opressão e marginalização; é importante considerar como essas experiências se entrelaçam com estas outras formas de injustiça social, como raça e classe social. As pessoas LGBTQIA+, em sua maioria, enfrentam outras variedades de formas de discriminação.

Segundo artigo do Center For American Progress⁴ (CAP, 2017), pessoas LGBTQIA+ pretas, jovens e com deficiência enfrentam discriminação de maneiras únicas e intensificadas. Por exemplo, pessoas LGBTQIA+ pretas ou pardas são mais propensas a esconder sua orientação sexual e identidade de gênero no ambiente de trabalho, com 12% retirando tais informações de seus currículos em comparação com 8% dos LGBTQIA+ brancos. Pessoas LGBTQIA+ com deficiência também são mais propensas a evitar espaços públicos devido à discriminação adicional que enfrentam devido à acessibilidade limitada.

Há controvérsias em relação ao comportamento de certos cristãos, que evidenciam uma possível desconexão entre os princípios de amor e inclusão frequentemente relacionados aos ensinamentos de Jesus durante sua vinda à Terra como ser humano e as experiências vividas pela comunidade LGBTQIA+. Recentemente, o pastor André Valadão fez uma declaração⁵ sobre a população LGBTQIA+, referindo-se a ela como ‘arco-íris’:

Mas essa porta já foi aberta quando nós tratamos como *normal* aquilo que a Bíblia já *condena*. Então agora é hora de tomar as rédeas de volta e dizer não, não, não, não, pode *parar*, reseta. Aí Deus fala: ‘Não posso mais, já meti esse arco-íris aí, se eu pudesse eu matava tudo e começava tudo de novo. Mas prometi que não posso’. Agora tá com vocês. (André Valadão, 2023, grifos nossos)

⁴ O CAP é um instituto de políticas públicas independente e não partidário, dedicado a melhorar a vida de todos os americanos por meio de ideias progressistas, liderança forte e ação coordenada. Seu objetivo é não apenas mudar a conversa, mas também transformar o país.

⁵ Declaração do pastor, cantor e influenciador André Valadão durante culto ao vivo da Igreja Batista da Lagoinha em Orlando, em julho de 2023. A fala gerou repercussão e levou a investigações do Ministério Público Federal por suposta prática de homofobia. https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/mpf-analisa-se-pastor-andre-valadao-cometeu-pratica-de-homofobia/?utm_source=chatgpt.com

Embora o pastor tenha incitado a morte de pessoas LGBTQIA+, após essa fala ele tentou se explicar nas redes sociais, dizendo que suas palavras haviam sido interpretadas de maneira equivocada. No entanto, discursos semelhantes, que utilizam interpretações literais das Escrituras, têm sido frequentemente usados por alguns grupos cristãos para justificar atitudes de rejeição e preconceito contra a população LGBTQIA+. Essa prática, como Helminiak (1988) observa, muitas vezes reflete uma falta de estudo aprofundado, compreensão contextual das passagens bíblicas e disposição para superar preconceitos:

Mas uma abordagem histórico-crítica lê a Bíblia em seu contexto histórico e cultural original. Esta abordagem considera o significado da Bíblia, determinado da melhor forma possível, tal como era segundo as intenções de seus autores humanos em sua própria época e sua própria maneira. Compreendida em seus próprios termos, a Bíblia não trata de nossas questões atuais de ética sexual. A Bíblia não condena o sexo gay tal como ele é entendido hoje. (Helminiak, 1988, p. 123)

Essa fala não implica o posicionamento de todas as igrejas evangélicas do Brasil, nem mesmo de todos os evangélicos, mas, visto que o Brasil é um país que majoritariamente segue o cristianismo, é no mínimo preocupante, até porque André Valadão não é o primeiro pastor a ter esse tipo de discurso de ódio em cima do altar; existem vários outros exemplos que podem ser citados, como Silas Malafaia, Marco Feliciano, pastores grandes e bastante influentes na mídia.

No livro *Jesus e os Direitos Humanos: Por que o Reino de Deus é Justiça, Paz e Alegria*, organizado por Ronilso Pacheco (2018), há um capítulo que explora a missão de Jesus enquanto homem na Terra. Jesus realizou muitos feitos em silêncio, mas também desafiou as normas e sistemas estabelecidos de sua época, o que levou à sua prisão e crucificação.

Historicamente, Jesus é descrito como alguém que levou sua mensagem a pessoas comuns, promovendo valores como amor, solidariedade, justiça, esperança e igualdade. Além de seus milagres e ensinamentos, interpretações acadêmicas, como as de Helminiak (1988), apontam seu papel como o de um líder social que desafiou estruturas consideradas injustas em seu contexto histórico. Essa postura contrasta com as ações de alguns líderes religiosos

contemporâneos, que são criticados por não refletirem esses mesmos valores em sua prática. Essa análise, contudo, deve ser vista à luz de debates teológicos e sociais, reconhecendo a diversidade de interpretações sobre o papel de Jesus e suas implicações para o cristianismo atual.

Caio Marçal, teólogo, pedagogo, mestrando em Sociologia e autor do capítulo *Jesus e os Direitos Humanos: Por Uma Verdadeira Evangelização*, argumenta sobre os cristãos e uma autêntica transmissão da mensagem de Jesus:

Daí infere-se que a mensagem do evangelho é uma “espada de dois gumes”. Para alguns, ela é a boa notícia de um Reino de amor, reconciliação, onde todos são acolhidos e não há mais injustiça. Para outros, os opressores ou os que desejam estar em situação de conforto, é uma má notícia. Esses últimos, mesmo sendo religiosos, sentirão ódio de quem optar por assumir a radicalidade da boa nova do evangelho. (Caio Marçal, 2018, p. 27)

No contexto das pessoas cristãs, os discursos de ódio muitas vezes estão disfarçados de liberdade de expressão e religiosa. Essas liberdades são tratadas como direitos adquiridos, sem muitas considerações sobre suas implicações. Como consequência, algumas pessoas defendem que o direito de discriminar, por exemplo, pessoas LGBTQIA+, deve ser protegido como uma parte sagrada da prática religiosa. É o que Judith Butler (2024) destaca em seu livro *Quem tem medo do gênero?*.

O caráter fortuito da liberdade religiosa é afirmado, qualificado como direito das pessoas cristãs, com a consequência de que o direito de discriminar é agora defendido como uma liberdade sagrada, e que o cristianismo se torna mais firmemente entrincheirado como a religião cujas liberdades devem ser protegidas das reivindicações de igualdade. (Butler, 2024, p. 61)

Para Butler (2024), o uso da liberdade religiosa para justificar a discriminação fortalece a posição do cristianismo enquanto religião dominante com liberdades que são prioritariamente protegidas; proteções que são usadas como escudo contra as demandas de igualdade e justiça

social de outras comunidades, como a LGBTQIA+, por exemplo.

A doutrinação imposta por religiosos influentes ajuda na influência da condenação da homossexualidade ou qualquer outra sexualidade que fuja do padrão cisheteronormativo. A rejeição se manifesta na exclusão ou marginalização de indivíduos LGBTQIA+ dentro das comunidades religiosas. Há uma pressão para a conformidade, como se o esperado fosse que todos os membros da comunidade se conformassem com os ensinamentos estabelecidos pela religião.

É um componente cultural que abrange diversas atitudes, práticas e valores prejudiciais. Ao explorar esse componente cultural mais a fundo, é possível compreender como a esfera religiosa pode ter sérias repercussões na saúde mental dos jovens LGBTQIA+ que fazem parte ou já fizeram parte de comunidades cristãs.

De acordo com o Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (IEPS, 2022), os índices de depressão entre jovens de 18 a 24 anos cresceram de 5,6% em 2013 para 11,1% em 2019. Segundo o Ministério da Saúde, o suicídio é a quarta principal causa de morte para jovens entre 15 e 29 anos (IBGE, 2022). No entanto, não foi possível obter dados oficiais sobre suicídios entre jovens LGBTQIA+, uma vez que a orientação sexual não é registrada nos óbitos, refletindo uma negligência do Estado em relação a essa parte da população.

Estimativas, como as do Grupo Gay da Bahia (GGB)⁶, baseiam-se em casos noticiados pela mídia. No entanto, compreende-se que muitas pessoas LGBTQIA+ não tiram a própria vida, mas ainda assim sofrem graves consequências do preconceito e da violência, um fenômeno conhecido como “suicídio social” (Baére, 2019), que se refere à exclusão, isolamento e perda de oportunidades sociais, econômicas e afetivas em razão de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

2.3 A Defesa da Família Tradicional

Butler (2024) argumenta que, apesar da ampla e contínua influência dos evangélicos

⁶ O Grupo Gay da Bahia (GGB), fundado em 1980, compila estatísticas sobre violência contra pessoas LGBTQIA+, incluindo homicídios e suicídios. Seus dados são baseados em casos noticiados na mídia e relatos diretos, podendo não refletir a totalidade da situação.

conservadores no movimento contra a ideologia de gênero, foi no Vaticano onde tudo começou. O papa Francisco, inclusive, em 2014, declarou que “a revolução nos costumes e na moral frequentemente agitou a “bandeira da liberdade”, mas, na realidade, trouxe devastação espiritual e material a numerosos seres humanos”. Uma estratégia que utiliza a retórica da esquerda para se opor à homossexualidade. Butler (2024) ainda afirma que:

Embora o Papa Francisco tenha sido elogiado por sua abordagem mais aberta à “homossexualidade”, é importante lembrar que o que ele defendeu em 2020 foram as uniões civis de gays e lésbicas, e não a sexualidade de gays e lésbicas”. (Butler, 2024, p. 44)

Butler (2024) argumenta que o Papa Francisco e o Vaticano consideram o conceito de gênero como algo “diabólico” e “ideológico”. Na visão cristã tradicional, tanto o gênero quanto a sexualidade são vistos como aspectos fixos e divinamente determinados. Portanto, a homossexualidade é interpretada como um desvio das normas divinas estabelecidas para a sexualidade. A heterossexualidade é considerada a norma desejada por Deus que, segundo essa visão, criou o masculino e o feminino.

Butler (2024) também alega que o gênero, ao ser visto como algo que pode ser criado ou escolhido independentemente do sexo biológico atribuído ao nascimento, é considerado uma ameaça ao plano divino. Na perspectiva apresentada pelo Vaticano, o gênero é visto como uma criação que não vem de Deus, mas sim como uma obra do mal, o que significa que desafia diretamente a ordem divina, seguindo este trecho:

Para o Papa Francisco, esse fantasma chamado “gênero” é diabólico e ideológico. “Diabólico” significa que o gênero vem do diabo e é obra do diabo, portanto, não é uma criação divina e constitui uma forma rival, falsa e destrutiva de “criação”. A ponto de o Vaticano entender “gênero” como uma doutrina ou crença que afirma que podemos criar um gênero que não nos foi atribuído no nascimento, uma forma falsa e enganosa de criação. O divino é o único que tem poderes criativos e o divino criou o masculino e o

feminino, ao menos é o que afirma a Bíblia. Se uma pessoa se afasta do sexo que lhe foi divinamente criado, ela está roubando e destruindo os poderes criadores que pertencem unicamente a Deus. Uma força diabólica mostra-se especialmente perigosa para quem é vulnerável e suscetível, que corre o risco de ser influenciado e doutrinado por essa “ideologia” que desafia a doutrina cristã. (Butler, 2024, p. 46)

A defesa da família tradicional é uma tentativa de legitimar uma única forma de organização social. Butler (2024) menciona que o Vaticano considera o casamento e a reprodução heterossexuais como elementos definidores do que significa ser humano:

Quem insiste que a forma família é organizada a partir do casamento monogâmico heterossexual sabe que essa não é a única forma, e suas denúncias e acusações de ideologia são apenas uma maneira de sustentar que certa forma social tem um caráter inevitável e justo. Para o Vaticano, como vimos, o casamento e a reprodução heterossexuais definem o humano, implicando que as pessoas que não aderem a essa forma social estão se desviando da ideia adequada de humano. (Butler, 2024, p. 83)

No cristianismo evangélico, além de se assemelhar ao posicionamento do cristianismo católico, também há a ideia de que a comunidade LGBTQIA+ busca destruir os valores da “família tradicional” cisheteronormativa. Esses valores, especialmente conforme pregados pelos evangélicos, incluem a crença em um casamento entre um homem e uma mulher, a procriação como um dos principais objetivos do matrimônio, além da conformidade com os papéis de gênero tradicionais, em que o homem é visto como provedor e a mulher como cuidadora do lar e dos filhos. Matthew Vines (2014) argumenta:

De acordo com a tradição cristã, a bondade do casamento heterossexual baseia-se no 'desenho natural' do corpo humano e no desejo complementar 'implantado' por Deus. A prática homossexual, por outro lado, é considerada 'não natural', pois se opõe tanto ao desenho e desejo instaurados por Deus. Esta visão bipartida é tão popular que se tornou dominante e essencialmente inquestionável na história cristã. (Vines, 2014, p. 68)

Os conceitos de “família tradicional” e “desenho original da família” estão sendo usados

para disseminar desinformação contra a comunidade LGBTQIA+. Uma investigação realizada pelo consórcio formado por Lupa, Univision, Data Crítica e o Instituto Democracia Digital das Américas (DDIA), lançada na semana do Dia Internacional contra a Homofobia, analisou mais de 11 mil publicações nas redes sociais, principalmente no Facebook⁷. Essas expressões foram apropriadas por movimentos ultrarreligiosos e polarizados para promover narrativas conspiratórias de que pessoas LGBTQIA+ atacariam a dita família tradicional.

Em uma das pesquisas, o consórcio identificou uma onda de ataques contra o filme *Barbie*⁸, lançado em 2023. Em uma das publicações, grupos e indivíduos pertencentes a movimentos ultrarreligiosos, incluindo um perfil intitulado Cristiano Conservador, acusavam Hollywood de ser um “covil de pedófilos” e afirmavam que o filme promove ideias contrárias à família tradicional. A publicação viralizou rapidamente, sendo compartilhada em 15 países das Américas e alcançando milhões de usuários em poucos dias.

As postagens alegavam que o filme subverte valores tradicionais, e essa mensagem foi amplamente disseminada em português, inglês e espanhol, as três línguas mais faladas nas Américas, gerando reações anti-LGBTQIA+ em todo o continente. Páginas com ligações religiosas e conservadoras, muitas administradas dos EUA, amplificaram essa desinformação.

Pessoas LGBTQIA+ não buscam destruir famílias, mas sim garantir o reconhecimento e a oportunidade de formarem suas próprias famílias com dignidade e igualdade. A comunidade enfrenta uma batalha contínua por direitos básicos e pelo respeito às suas identidades e escolhas de vida. A luta abrange o direito de viver sem discriminação e de serem tratadas com igualdade em todos os aspectos da vida social, econômica e política.

Essa realidade se evidenciou, por exemplo, no dia 25 de maio de 2024, quando o portal POPTime, em sua conta no X (antigo Twitter), compartilhou um vídeo⁹ de pouco mais de 1 minuto em que uma criança falava com entusiasmo sobre como era ter dois pais. Nas respostas e

7

<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/15/fakes-do-movimento-anti-lgbt-buscam-opor-educacao-sexual-e-seguranca-infantil2>

⁸ *Barbie* (2023), dirigido por Greta Gerwig, produzido por Margot Robbie, Ryan Gosling e Tom Ackerley, produzido nos Estados Unidos pela Warner Bros. Pictures e LuckyChap Entertainment.

⁹ <https://x.com/siteptfbr/status/1794542774832001481>

citações da publicação, muitos dos comentários hostilizavam a família. Alguns perfis, que na descrição deixavam claro serem cristãos, de direita, e em outros casos possuíam versículos bíblicos, comentavam coisas como caos, degeneração, imoralidade, influência na sexualidade da criança, “contágio social”. Muitos terminavam falando sobre Deus e os ensinamentos de Jesus.

Os defensores da família tradicional muitas vezes veem qualquer forma de reconhecimento ou aceitação das pessoas LGBTQIA+ como uma ameaça aos seus valores e ao seu modo de vida. Aceitar a diversidade sexual e de gênero enfraqueceria, segundo essas visões, os fundamentos da sociedade, que, segundo eles, é baseada em uma estrutura familiar composta por um homem e uma mulher, em conformidade com os ensinamentos bíblicos. Igor Sacramento (2024) destaca:

Em alguns momentos, fica evidente que os que são contrários à homossexualidade compreendem um universo regido pela binaridade, onde não é possível que diferentes matizes de existência coabitem. (Sacramento, 2024, p.195).

Segundo Sacramento (2024), a visão binária que considera a homossexualidade e a heterossexualidade como mutuamente exclusivas tem sido reproduzida de geração em geração, dificultando a conquista da equidade e dos direitos básicos pela população LGBTQIA+. Essa perspectiva ignora a realidade de que pessoas LGBTQIA+ também podem desejar formar famílias, viver em harmonia e contribuir positivamente para a sociedade.

Desde a aprovação pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) do casamento entre pessoas do mesmo sexo em 2013, seguida pela decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) em 2015 que autorizou a adoção por casais do mesmo sexo, houve uma mudança importante na legislação brasileira. Essas medidas têm sido fundamentais para garantir igualdade de direitos e oportunidades para todas as famílias, independentemente da orientação sexual dos pais.

Entre 2021 e 2023, mais de 50 mil crianças foram registradas por casais homoafetivos no Brasil, segundo dados da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais

(Arpen-BR, 2024). Esse número representa um avanço significativo nas políticas de adoção e direitos no país, apesar de grande parte da sociedade ainda ter uma perspectiva binária e preconceituosa.

Segundo um artigo escrito por Isabella Cristo e publicado pelo Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM, 2015), há um questionamento sobre a adoção por casais homoafetivos, levantando a possibilidade de que a orientação sexual dos pais possa interferir no desenvolvimento da afetividade dos filhos, sugerindo que a convivência poderia influenciar a orientação sexual das crianças. A psicóloga e psicanalista Maria Antonieta Mota (2010) alega que:

Não são conhecidos fatores psicológicos vinculando o exercício da parentalidade à orientação sexual da pessoa. Ao contrário, estudos realizados nas culturas anglo-saxã e latino-europeia, apontam que indivíduos ou casais homossexuais estão aptos a exercer tanto a paternidade quanto a maternidade. (...) Cada caso tem a sua particularidade, porém, perversão e perversidade, inadequação e patologia não são prerrogativa das pessoas com orientação homossexual, podendo ser encontradas nos indivíduos heterossexuais que carreguem em si inadequações atitudinais e comportamentais, capazes de se refletir na criação dos filhos, quando não se voltam contra eles. (Mota, 2010, p. 29)

Conforme Maria Antonieta Mota (2010) não há evidências psicológicas que vinculem a capacidade de exercer a parentalidade à orientação sexual de uma pessoa, nem que indiquem prejuízos decorrentes da ausência dos dois referenciais básicos — paterno e materno — na educação da criança ou adolescente adotado. A competência parental não está relacionada à orientação sexual, mas sim às habilidades individuais e ao ambiente familiar proporcionado.

3. A cultura, a mídia, o cinema e a construção de identidades sociais

A cultura da mídia está presente em todas as esferas da sociedade contemporânea, e molda valores, percepções e identidades. A mídia desempenha um papel importante na construção da cultura contemporânea. As imagens, os sons e todos os programas que consumimos no dia a dia afetam o nosso tempo livre, opiniões políticas e relacionamentos interpessoais. A mídia dá referências e modelos usados para a construção de identidade, a forma de entender quem somos e como queremos ser vistos pela sociedade. Douglas Kellner (2001) afirma:

A cultura, em seu sentido mais amplo, é uma forma de atividade que implica alto grau de participação, na qual as pessoas criam sociedades e identidades. A cultura modela os indivíduos, evidenciando e cultivando suas potencialidades e capacidades de fala, ação, e criatividade. A cultura da mídia participa igualmente desses processos, mas também é algo novo na aventura humana. (Kellner, 2001, p. 11)

A cultura está presente em todos os aspectos da sociedade e é o que distingue os seres humanos dos outros seres vivos. A cultura é baseada em símbolos, como linguagem, arte, valores e tradições. Todos esses elementos simbólicos são essenciais para a organização e o funcionamento da sociedade. Stuart Hall (2016) afirma que a cultura é o que nos torna humanos e dá significado à vida social.

A cultura, desse modo, permeia toda a sociedade. Ela é o que diferencia o elemento 'humano' na vida social daquilo que é biologicamente direcionado. Nesse sentido, o estudo da cultura ressalta o papel fundamental do domínio simbólico no centro da vida da sociedade. (Hall, 2016, p. 21)

A mídia, como extensão da cultura, desempenha um papel central no processo simbólico, ao ser um dos principais meios pelos quais esses valores e significados são compartilhados e propagados. Ela não apenas reflete a cultura, mas também a modela, ao criar novos símbolos,

narrativas e ideologias que moldam o comportamento social.

Como Hall (2016) observa, o domínio simbólico da cultura é fundamental para a organização social. A mídia não só participa, mas também acelera e amplia as transformações culturais. Assim, a cultura da mídia vai além de ser apenas um reflexo das mudanças sociais; ela é uma força dinâmica que constantemente estrutura e redefine a sociedade, os valores e as identidades pessoais.

Portanto, a mídia não apenas reflete ou retrata a sociedade como ela é, e sim exerce um papel ativo na construção de valores, crenças e identidades. A mídia não é apenas um espelho da realidade, ela influencia e molda a forma como as pessoas pensam, se comportam e se veem no mundo.

Dentro desse contexto, o cinema ocupa um papel de destaque, sendo um meio de comunicação que, além de refletir as dinâmicas sociais, também influencia as representações de mundo e desempenha um papel na construção de discursos sociais, estabelecendo padrões e reforçando ideologias.

O cinema reflete dinâmicas e transformações sociais, além de ter a capacidade de influenciar comportamentos, valores, ideologias e moldar percepções sobre classe, gênero, raça, sexualidade e outros aspectos do social. Segundo Douglas Kellner (2001), a cultura da mídia não é apenas um reflexo da sociedade, mas um agente ativo na produção de significados. Nesse sentido, o cinema atua como um veículo que comunica e reforça ideologias. Os filmes não são apenas entretenimento, mas também veículos de transmissão de valores, ideias e símbolos culturais.

Stuart Hall (2016) afirma que a cultura não é fixa, mas um campo de disputas simbólicas onde diferentes grupos sociais negociam significados e identidades. O cinema exemplifica bem essa dinâmica quando, por exemplo, *Hollywood* molda a visão global sobre os Estados Unidos. O longa *Oppenheimer*¹⁰ (2023), por exemplo, retrata um importante momento da história do país – o desenvolvimento da bomba atômica –, reforçando uma visão específica sobre ciência e poder

¹⁰ *Oppenheimer* (2023), dirigido por Christopher Nolan, produzido por Emma Thomas e Christopher Nolan, produzido nos Estados Unidos pela Universal Pictures e Syncopy Inc.

estadunidense.

Recentemente, no Brasil, o filme *Ainda Estou Aqui* (2024), de Walter Salles, apresenta uma narrativa mais próxima da realidade brasileira, abordando questões sociais e o período da ditadura. A obra fortalece a identidade cultural nacional e, ao mesmo tempo, contribui para a exportação da cultura brasileira, oferecendo ao público uma perspectiva marcante sobre a história do país. Dessa maneira, o cinema não apenas representa a realidade, mas participa da construção de imaginários coletivos, reforça discursos e influencia a forma como diferentes grupos sociais se percebem e se relacionam com o mundo.

O cinema, como uma das formas mais influentes de expressão cultural, também atua como uma “técnica do imaginário”. Segundo o teórico de cinema francês Christian Metz (1977), o conceito pode ser entendido no sentido comum, como uma forma de alimentar o imaginário coletivo através de narrativas ficcionais.

No sentido lacaniano, o cinema funciona como um espelho, o que reflete um “eu” do espectador, alienando-o. Através dessa alienação, o cinema provoca uma reflexão constante sobre o desejo, a identidade e normas sociais, especialmente quando aborda questões como classe social, raça, religião ou sexualidade. Essa dinâmica é visível quando o cinema aborda questões sociais sensíveis, como a sexualidade. Partindo desse ponto, filmes como *Boy Erased* e *Orações Para Bobby* mostram como o cinema se torna uma ferramenta poderosa ao explorar a luta de indivíduos LGBTQIA+ em contextos de repressão religiosa e familiar.

Ambos os filmes não somente retratam as experiências dos personagens, mas ativam o imaginário coletivo sobre sexualidade, religião e identidade. As histórias são convidativas, o público reflete sobre as normas heteronormativas, a relação com a religião, questões de gênero e exclusão de pessoas LGBTQIA+, dinâmicas de poder e relações familiares e sociais.

As produções são construídas a partir de histórias reais e fogem do padrão estereótipo de histórias LGBTQIA+ no audiovisual. São dois filmes usados para documentar histórias de violência sofridas por pessoas LGBTQIA+ em ambientes religiosos, ilustrando a partir de diversas perspectivas danos causados pela intolerância e tentativa de moldar identidades por meio da fé.

3.1 O cinema e a formação de identidades

O cinema desempenha um papel significativo na construção das identidades dos indivíduos, especialmente no que se refere a grupos historicamente marginalizados. Ao longo do tempo, a representação de personagens LGBTQIA+ na tela refletiu e, em muitos casos, desafiou as normas sociais vigentes. Nos últimos anos, no entanto, as produções cinematográficas têm sido fundamentais para redefinir o que significa ser LGBTQIA+ em uma sociedade que, por muito tempo, tentou silenciar, marginalizar e excluir essas identidades. Filmes como *Boy Erased* e *Orações Para Bobby* exemplificam o processo de afirmação de identidades LGBTQIA+ frente às pressões familiares, religiosas e sociais.

Esses filmes vão além da mera representação de desafios enfrentados por pessoas LGBTQIA+, eles ajudam a ampliar a compreensão e a aceitação dessas identidades, funcionando como espaços de reflexão sobre a conformidade com normas tradicionais de gênero e sexualidade.

De acordo com Stuart Hall (2016), a cultura é uma construção social baseada em símbolos, e o cinema, como uma forma de mídia cultural, tem o poder de influenciar a percepção das pessoas sobre si mesmas e sobre os outros. Em vez de ser apenas um reflexo da sociedade, o cinema atua ativamente na formação de significados e na construção das identidades.

No caso das representações LGBTQIA+ no cinema, houve uma significativa transformação ao longo das últimas décadas. Anteriormente, personagens gays e lésbicas apareciam com frequência em papéis estereotipados, como o “melhor amigo gay” afeminado e engraçado, como vemos em *Meninas Malvadas* (2004). Contudo, à medida que a sociedade avançava no reconhecimento e aceitação dos direitos LGBTQIA+, os filmes começaram a apresentar personagens mais complexos e diversificados. Um exemplo disso é *Moonlight* (2016), que retrata a jornada de autodescoberta de um homem negro gay, oferecendo uma visão mais profunda e realista das questões relacionadas à sexualidade e identidade.

A noção de identidade performativa, defendida por Judith Butler (1990), é fundamental para compreender como o cinema pode influenciar a construção da identidade LGBTQIA+. Butler (1990) argumenta que a identidade de gênero não é fixa, mas algo que se constrói por

meio de atos repetidos, ou “performances”. Ao mostrar uma variedade de expressões de gênero e sexualidade, o cinema cria um espaço onde essas performances podem ser vistas, desafiadas e repensadas. Os filmes analisados, ilustram como as normas sociais e familiares podem pressionar indivíduos a se conformar às expectativas rígidas, ao mesmo tempo em que oferecem uma plataforma para que as identidades não normativas possam ser expressas e discutidas.

Além disso, esses filmes abordam temas profundos e dolorosos, como a rejeição familiar e as terapias de conversão, que têm um impacto significativo na saúde mental e emocional de pessoas LGBTQIA+. A pressão para se ajustar às normas cisheteronormativas pode resultar em sofrimento psicológico considerável, incluindo ansiedade e depressão, especialmente entre os jovens (Agência Brasil, 2023).

Em suma, o cinema não só reflete a sociedade, mas também atua como um agente transformador, criando novas formas de entendimento sobre identidade e diversidade. Ao trazer para o público histórias autênticas e complexas de personagens LGBTQIA+, os filmes desafiam narrativas tradicionais e contribuem para a construção de um espaço mais inclusivo, onde as identidades não se limitam a categorias fixas ou normativas. Como apontado por Kellner (2001), a cultura de massa, e especialmente o cinema, tem o poder de moldar a forma como as pessoas internalizam as identidades sociais e culturais, ampliando as possibilidades de aceitação e compreensão da diversidade.

3.2 Os filmes

Dirigido por Joel Edgerton e baseado no livro de Garrard Conley, *Boy Erased*, conta a história de Jared Eamons, interpretado pelo ator norte-americano Lucas Hedges, um jovem que, sendo filho de um pastor batista, é enviado para uma terapia de conversão gay. O filme mostra de forma muito intensa o sofrimento psicológico de Jared ao ser forçado a negar quem ele realmente é, tudo em nome da crença religiosa da família. A atuação de Lucas recebeu ótimas críticas, o que lhe rendeu indicações de Melhor Ator em Drama, nos prêmios Globo de Ouro e Satellite de 2019.

As performances de Nicole Kidman e Russell Crowe, que interpretam os pais de Jared,

também foram bastante elogiadas, destacando o tom sombrio e pesado no roteiro, já que o filme toca fundo ao mostrar o impacto devastador dessas ‘terapias’ e como elas podem destruir a autoestima e a saúde mental de jovens LGBTQIA+.

A canção original *Revelation*, escrita pelo cantor australiano Troye Sivan, em parceria com Jónsi e Brett McLaughlin, recebeu destaque por seu tom emocional e reflexivo sobre identidade e aceitação, temas centrais do filme. A música recebeu indicações aos prêmios Satellite e Globo de Ouro de 2019, na categoria de Melhor Canção Original.

Já *Orações Para Bobby*, dirigido por Russell Mulcahy, é baseado no livro de Leroy Aarons, e conta a história de Mary Griffith, interpretada pela atriz Sigourney Weaver, uma mãe religiosa que rejeita seu filho Bobby, interpretado por Ryan Kelley, por ele ser gay. Depois da morte trágica de Bobby, Mary passa por uma jornada de dor e reflexão que a faz questionar sua fé e se tornar uma defensora dos direitos LGBTQIA+. A atuação de Sigourney Weaver foi muito elogiada, e ela recebeu indicações aos prêmios Emmy, Globo de Ouro e *Screen Actors Guild* de 2009 e 2010, respectivamente, na categoria de Melhor Atriz em minissérie ou filme para TV.

Ambos os filmes, de maneiras diferentes, mostram os danos causados pela homofobia ligada à religião. Enquanto *Boy Erased* denuncia as terapias de conversão e seus efeitos, *Orações Para Bobby* alerta sobre os efeitos da rejeição familiar e da intolerância disfarçada de fé. Juntos, eles oferecem um retrato sensível da luta por aceitação e dos perigos de uma sociedade que insiste em negar a identidade de milhões de pessoas.

4. Metodologia: Análise Cultural Crítica

A partir dos conceitos dos Estudos Culturais percorridos por Stuart Hall (2016), esta pesquisa analisa os filmes *Orações para Bobby* (2009) e *Boy Erased* (2018). Fundamentada nos Estudos Culturais, essa abordagem compreende os produtos audiovisuais não apenas como reflexos da sociedade, mas como discursos que participam ativamente da construção das identidades e das relações de poder.

Como aponta Stuart Hall (2016), a representação não é um mero espelhamento da realidade, mas um processo ativo de significação que pode tanto reforçar quanto contestar ideologias dominantes. Dessa forma, o cinema não apenas retrata as identidades LGBTQIA+, mas também contribui para a forma como essas identidades são percebidas socialmente, sedimentando sentidos, mas também disputando narrativas e desafiando estereótipos.

Para aprofundar essa discussão, a pesquisa mobiliza também os conceitos de Kellner (2001), que enfatiza a importância de uma leitura crítica da mídia como forma de compreender suas dimensões ideológicas. Segundo o autor, os produtos culturais são terrenos de luta simbólica nos quais diferentes grupos disputam o controle sobre a construção de significados. No caso das representações LGBTQIA+ no cinema, é essencial analisar como essas imagens reforçam ou questionam normatividades sociais, especialmente em contextos onde a sexualidade se choca com discursos religiosos conservadores.

Nesse sentido, a análise dos filmes selecionados será guiada pelos conceitos desenvolvidos por Ella Shohat e Robert Stam (2006) em *Crítica da Imagem Eurocêntrica: Multiculturalismo e Representação*, especialmente no que se refere à relação entre representação, poder e enquadramento visual. Os autores problematizam a maneira como a estética cinematográfica reflete hierarquias sociais, argumentando que as escolhas narrativas e visuais nunca são neutras.

Segundo eles, o realismo cinematográfico opera dentro de convenções culturais que determinam quem é visibilizado, de que forma essa visibilização ocorre e quais discursos são legitimados no processo. Shohat e Stam (2006) destacam que a *mise-en-scène*¹¹, o

¹¹ O termo francês *mise-en-scène*, que significa “pôr em cena” ou “encenação”, originou-se no teatro para designar o trabalho do encenador (*metteur en scène*) e, com o cinema, passou a se referir à organização visual e dramática de uma cena, incluindo elementos como cenário, iluminação, figurino e movimento de atores. (Aumont, 2008;

enquadramento dos personagens, o uso do close-up e a relação da câmera com os corpos representados são elementos fundamentais para a compreensão dessas hierarquias, por exemplo.

A metodologia adotada para esta pesquisa baseia-se na análise qualitativa dos filmes, buscando responder a uma série de questões centrais relacionadas à representação dos personagens LGBTQIA+ nas narrativas cinematográficas. A análise se concentra em como os personagens são visualmente posicionados e representados, e como esses posicionamentos podem refletir, reforçar ou questionar as relações de poder, visibilidade e subjetividade presentes na narrativa.

É investigado como os personagens LGBTQIA+ ocupam o espaço dentro das cenas e qual o impacto dessa ocupação nas dinâmicas de poder e hierarquia social. A pesquisa também busca entender como as representações desses personagens podem se relacionar com os discursos normativos sobre sexualidade, religião e outros aspectos culturais.

Além disso, uma atenção especial é dada à construção da subjetividade dos personagens, investigando de que forma o cinema pode conferir maior ou menor profundidade às suas identidades. São analisadas as formas como as expressões e sentimentos dos personagens são captados, o que pode humanizá-los e aproximá-los do público, ou, ao contrário, torná-los objetos de estereótipos e simplificações.

A análise também aborda como o olhar da câmera e as escolhas narrativas influenciam a percepção do público sobre os personagens e as relações que se estabelecem entre eles e outros indivíduos na trama. A análise procura entender como a câmera e a composição visual podem construir ou contestar a vulnerabilidade dos personagens, assim como a forma como as relações de poder são representadas, especialmente em relação a figuras de autoridade, como pais, líderes religiosos ou terapeutas.

Por fim, essa abordagem metodológica permite uma análise abrangente das diversas questões visuais, espaciais, narrativas e ideológicas que moldam a experiência dos personagens LGBTQIA+ no cinema, sem restringir a análise a categorias pré-definidas, mas permitindo que

essas questões sejam exploradas e respondidas ao longo da pesquisa.

Questões como o uso de planos subjetivos, a presença de enquadramentos que reforcem ou questionem a vulnerabilidade dos personagens e a relação entre os protagonistas e figuras de autoridade (pais, líderes religiosos, como pastores ou padres, terapeutas) são investigadas para compreender como a linguagem cinematográfica contribui para a construção de suas experiências.

Além desses aspectos formais, a pesquisa considera o contexto histórico, social e político no qual as narrativas foram produzidas, atentando-se às tensões culturais que atravessam as representações de pessoas LGBTQIA+ em espaços religiosos. Hall (2016) destaca que a identidade não é fixa, mas construída dentro de práticas discursivas que variam ao longo do tempo e do espaço. Dessa forma, os filmes analisados não podem ser compreendidos isoladamente, mas devem ser situados em um contexto mais amplo de debates sobre sexualidade, intolerância religiosa e políticas de reconhecimento.

Por meio dessa abordagem metodológica, examina-se os filmes selecionados não apenas como produtos artísticos, mas como textos culturais que operam dentro de dinâmicas de poder, representatividade e resistência. Como argumenta Kellner (2001), a análise crítica da mídia deve levar em conta não apenas os conteúdos explícitos das narrativas, mas também as estruturas subjacentes que moldam a percepção do espectador. Nesse sentido, a pesquisa busca compreender como *Orações para Bobby* e *Boy Erased* constroem suas representações LGBTQIA+ e como essas representações dialogam com discursos conservadores e progressistas sobre identidade queer.

Ao investigar as estratégias visuais e narrativas empregadas nessas obras, esta pesquisa contribui para um debate mais amplo sobre a interseção entre mídia, cultura e política, propondo uma análise crítica das formas como o cinema contemporâneo constrói e negocia a representação das dissidências sexuais e de gênero.

Inicialmente, foi realizada uma análise geral dos filmes, com atenção às questões previamente discutidas, como o armário, as relações familiares e a liderança. Na sequência, o procedimento metodológico consistiu na análise de quatro cenas específicas, duas de cada filme,

escolhidas por concentrarem elementos que expressam de forma significativa os temas centrais das obras e contribuírem para uma compreensão mais aprofundada das narrativas.

4.1 Análise Geral

Nos filmes *Boy Erased* e *Orações para Bobby*, a tensão entre as normas religiosas e a identidade de gênero e sexualidade de jovens LGBTQIA+ reflete as ideias de Judith Butler (2018) sobre a construção social e performativa de gênero. Em *Boy Erased*, o protagonista enfrenta as consequências de ser forçado a se submeter a uma terapia de conversão, na tentativa de moldar sua identidade sexual à norma heterossexual imposta pela sua família religiosa. Esse processo de tentativa de adaptação aos padrões heteronormativos evidencia a violência simbólica que Butler (2018) descreve como intrínseca à imposição de normas rígidas de gênero e sexualidade.

Boy Erased acompanha a trajetória de Jared, um jovem filho de um pastor, que vive em uma pequena cidade marcada por valores religiosos conservadores. A narrativa se inicia durante um culto, em que seu pai o exalta como um exemplo de integridade. Em seguida, já na cena seguinte, a mãe de Jared o leva para um centro de terapia de conversão, evidenciando uma ruptura silenciosa entre a imagem de perfeição e a rejeição da identidade do filho.

No centro, Jared se junta a outros jovens LGBTQIA+ que, como ele, foram forçados por suas famílias a negar quem são. Todos vestem roupas brancas e leem frases sobre pecado e homossexualidade como vazio espiritual, enquanto os terapeutas e líderes religiosos, vestidos de preto, impõem uma lógica de repressão travestida de cura. A ambientação reforça visualmente o controle e a opressão: close-ups intensificam os momentos de dor, os enquadramentos são fechados, a iluminação se torna escassa e a trilha sonora adquire tons densos e sombrios. Uma cena de abuso sexual, ocorrida na segunda metade do filme, marca uma virada dramática na narrativa e na subjetividade de Jared, intensificando a representação do trauma e do impacto psicológico que essas experiências geram.

A partir desse momento, o filme assume um tom ainda mais escuro e introspectivo. O pai, que aparecia como figura de autoridade firme e carinhosa no início, retorna com rigidez e violência, rompendo qualquer resquício de ternura. Em contraste, as cenas com figuras

femininas, como a mãe e uma médica, têm mais luz, mais espaço e sensibilidade, sugerindo possibilidades de acolhimento e ruptura com a lógica patriarcal dominante no centro.

No clímax emocional do filme, um dos colegas de Jared é submetido a um “velório simbólico”, encenação usada como forma de punição e controle dentro da terapia de conversão. A cena é filmada quase sob a perspectiva de Jared, com o som ambiente sendo abafado por uma trilha densa e pelo silêncio interior que remete a um estado de colapso ou crise de ansiedade. O espectador, assim como Jared, é imerso na atmosfera claustrofóbica e violenta da tentativa de apagamento da identidade, evidenciando os efeitos psicológicos devastadores desse tipo de prática.

Baseado em uma história real, *Boy Erased* denuncia com sensibilidade a brutalidade física, simbólica e psicológica das chamadas terapias de conversão, revelando os conflitos entre fé, pertencimento e autenticidade. A experiência de Jared é o retrato de muitos jovens que, ao confrontarem as expectativas religiosas e sociais, acabam sendo obrigados a sacrificar a própria subjetividade para se adequarem a padrões normativos que, como argumenta Butler (2018), são impostos à custa de sofrimento, silêncio e negação.

Em *Orações para Bobby*, acompanhamos a trajetória de Bobby Griffith, um jovem homossexual que cresce em uma família cristã conservadora, onde a religião é o principal norte moral. O filme começa com um tom leve e familiar, com cenas de festas em casa, boa iluminação e aparente harmonia. No entanto, já nos primeiros minutos surgem micro agressões e tensões sutis, como cobranças implícitas para que Bobby seja o filho “perfeito”, sem defeitos, reforçando expectativas rígidas de comportamento e identidade, o que intensifica seu conflito interno e o sentimento de inadequação.

A relação entre Bobby e sua mãe, Mary, é inicialmente próxima e afetuosa. Contudo, à medida que sua sexualidade começa a emergir, essa relação passa a se deteriorar. Diferentemente de *Boy Erased*, onde a terapia de conversão é institucionalizada, aqui ela parte da própria estrutura familiar. É a mãe quem primeiro fala sobre “cura gay” e o leva a uma psiquiatra com o objetivo de “corrigir” sua orientação sexual, o que demonstra o peso da religião internalizada como instrumento de repressão.

O filme é marcado por diversas montagens subjetivas que nos colocam no ponto de vista de Bobby, seus pensamentos em *off*, os enquadramentos fechados e os momentos de silêncio ajudam a construir uma atmosfera de angústia constante. A subjetividade de Bobby é marcada por conflitos e dúvidas, o que torna sua dor ainda mais palpável para o espectador. Uma dessas montagens acontece durante um jantar na casa da família de David, seu namorado, quando pequenos gatilhos emocionais ativam o colapso psicológico que o leva, pouco depois, ao suicídio; ele se joga de uma ponte, em uma cena impactante.

Após o suicídio, o tom do filme se intensifica emocionalmente, embora as cores e a fotografia permaneçam suaves. A carga dramática aumenta por meio dos diálogos e das atuações densas, sobretudo na personagem da mãe, que passa a ocupar o centro da narrativa.

A figura feminina ganha protagonismo: Mary, ao ser confrontada com a consequência de sua rejeição, embarca em um profundo processo de transformação pessoal. Gradualmente, ela se torna uma defensora dos direitos LGBTQIA+, reconhecendo seu papel no sofrimento do filho. *Orações para Bobby*, assim, é um retrato tocante e doloroso sobre intolerância, fé e arrependimento, e sobre como o amor, mesmo quando tardio, pode se transformar em luta e reparação.

O filme evidencia o processo de abjeção da homossexualidade que Butler (2018) descreve, mostrando como o repúdio à sexualidade divergente é internalizado, até mesmo por aqueles que amam seus filhos. A transformação da mãe ao longo do filme revela como a cisheteronormatividade se mantém como um ideal, mas também como as normas de gênero e sexualidade podem ser desafiadas, levando a uma reflexão sobre o que é considerado ‘normal’ e ‘anormal’. Essa narrativa reforça a ideia de que a identidade de gênero e a sexualidade, longe de serem fixas ou naturais, são construções sociais que podem ser moldadas pela religião, cultura e contexto social.

Esses dois filmes ilustram de maneira prática a opressão que jovens LGBTQIA+ enfrentam em um ambiente onde a cisheteronormatividade e as interpretações tradicionais da Bíblia se entrelaçam. A marginalização dessas identidades no contexto religioso expõe as tensões entre as expectativas sociais sobre gênero e sexualidade e a vivência de uma identidade que foge

da norma, como Butler (2018) argumenta, criando um campo de disputa onde a diversidade sexual e de gênero é constantemente reprimida em favor de um padrão heteronormativo.

Nas duas produções, o conceito de “armário”, como descrito por Sedgwick (2005), se torna evidente nas experiências dos protagonistas, que são forçados a esconder sua sexualidade devido às pressões de suas famílias religiosas e sociedades cisheteronormativas. Em *Boy Erased*, essa metáfora ganha corpo na trajetória de Jared, que desde cedo demonstra a necessidade de reprimir seus sentimentos e desejos para atender às expectativas de seus pais, especialmente de seu pai, um pastor batista.

O “armário” de Jared se expressa na forma como ele evita falar sobre sua vida afetiva, nas conversas evasivas com os pais e no desconforto quando está sob vigilância no programa de reorientação sexual. A ocultação também é perceptível na linguagem corporal e com olhares, como uma tentativa de se convencer de que pode mudar para ser aceito. Assim, o “armário” não aparece apenas como um silêncio, mas como uma performance contínua de negação de si, imposta por um ambiente onde a autenticidade é punida.

Em *Orações para Bobby*, o filme ilustra como a pressão para manter-se dentro das normas cisheteronormativas, exacerbada pela religião, pode levar à internalização do estigma, fazendo com que o indivíduo se sinta compelido a esconder sua verdadeira identidade para sobreviver. A busca de Bobby pela aceitação e o sofrimento causado pela exclusão social refletem a dor emocional de viver dentro do “armário”, um espaço onde a identidade verdadeira é negada.

Ambos os filmes abordam de forma dramática como as normas religiosas podem criar um ambiente de repressão, onde os jovens LGBTQIA+ não só enfrentam o medo de serem rejeitados pela sociedade, mas também internalizam a ideia de que suas identidades são erradas ou pecaminosas.

Em *Boy Erased*, essa repressão é evidenciada nas sessões de “terapia de conversão” pelas quais o protagonista Jared é forçado a passar. Nessas cenas, práticas abusivas e humilhantes são justificadas por discursos religiosos, apresentando a fé como instrumento de controle. A construção visual do centro terapêutico, com iluminação fria, vigilância constante e um ambiente

clínico opressor, reforça a sensação de sufocamento e julgamento. O silêncio de Jared traduz visualmente o conflito interno entre seu desejo de aceitação e a dor de negar sua identidade.

Já em *Orações para Bobby*, a repressão é articulada principalmente através da relação entre Bobby e sua mãe, que, amparada por sua fé cristã conservadora, insiste em “corrigir” o filho. O roteiro evidencia como essa postura influencia diretamente a saúde mental de Bobby. Em ambos os filmes, o “armário” aparece não só como metáfora, mas como realidade concreta: esconder-se torna-se uma estratégia de sobrevivência em uma cultura que marginaliza e estigmatiza a diversidade sexual e de gênero.

4.2 Autoridade religiosa como ferramenta de controle

O filme começa com Jared e seus pais em um culto. O pastor, que é também o pai de Jared, exalta sua família, afirmando que tem uma esposa e um filho íntegros e honestos. Essa cena inicial já estabelece a construção de um ideal de “família tradicional”, alinhado com valores cisheteronormativos, sugerindo que a integridade de Jared está atrelada à conformidade com esses valores. O tom da narrativa é definido nesse momento, onde a identidade de Jared é medida por expectativas sociais e religiosas.

Boy Erased exemplifica uma crítica à forma como a homossexualidade entra em conflito com ambientes que valorizam a obediência às normas tradicionais. O filme se insere num contexto maior de produções que denunciam a violência psicológica e institucional contra pessoas LGBTQIA+, especialmente em sociedades onde a religião tem um papel central. A narrativa é construída a partir de uma abordagem realista, retratando a experiência de um jovem cuja identidade é submetida à tentativa forçada de reconfiguração. A terapia de conversão, como expressão de uma masculinidade imposta, revela a brutalidade de práticas que reforçam normas de gênero e sexualidade.

A transição que acontece entre o culto e o programa de terapia de conversão reforça a ideia de que a homossexualidade de Jared não é apenas indesejada, mas precisa ser corrigida imediatamente, por ser um desvio, uma abjeção. A terapia de conversão é apresentada como uma

imposição, sustentada pela autoridade dos pais e pela crença de que a orientação sexual pode ser modificada por fé e disciplina.

A introdução de personagens LGBTQIA+ no contexto da terapia de conversão, permeada por discursos religiosos condenatórios, evidencia como suas identidades são enquadradas como algo a ser corrigido. A construção das cenas reforça a doutrinação a que esses personagens são submetidos, criando uma atmosfera de culpa e repressão. O filme utiliza esses elementos para representar a opressão vivida nesse tipo de prática, ainda que de forma simples, estabelecendo conexões com experiências reais de terapia de conversão.

O uso de símbolos visuais é significativo: os personagens LGBTQIA+ estão sempre vestidos de branco. O branco, geralmente associado à inocência, destaca a tentativa de moldá-los conforme a visão da sociedade sobre o que é “puro”. Em contraste, os pastores e terapeutas, sempre vestidos de preto ou de cores escuras, representam a autoridade, o controle e a imposição de normas. A diferença de cores reflete a dinâmica de poder e controle na terapia de conversão, simbolizando a luta silenciosa entre opressores e oprimidos.

Figura 1: Personagens LGBTQIA+ vestidos de branco no programa de terapia de conversão.



Fonte: Boy Erased, direção de Joel Edgerton, 2018

Essa distinção visual entre as cenas que envolvem personagens masculinos e femininos em *Boy Erased* é uma escolha cinematográfica significativa que reflete a forma como o filme lida com questões de poder, vulnerabilidade e repressão. As cenas com os homens, geralmente mais fechadas, escuras e pesadas, criam uma atmosfera de confinamento e opressão, contrastando com a leveza e clareza das cenas com as mulheres, como a sequência com a médica, que aparece de maneira mais acolhedora e compreensiva.

As cenas com os homens, especialmente aquelas em que Jared interage com o terapeuta ou com seu pai, são caracterizadas por um uso predominante de luz baixa e enquadramentos mais fechados. Isso pode simbolizar o ambiente de repressão e controle que está sendo imposto sobre Jared, refletindo o peso psicológico e emocional que ele carrega. O uso de iluminação escura e espaços reduzidos pode ser visto como uma metáfora para o isolamento, a falta de liberdade e a tentativa de forçar uma identidade heteronormativa sobre ele, distanciando-o de sua própria verdade.

Figura 2: Pastor vestido de roupa preta e filmado em posição de superioridade.



Fonte: *Boy Erased*, direção de Joel Edgerton, 2018

Além disso, o uso da luz e do espaço também pode sugerir uma crítica ao sistema de poder patriarcal que rege o ambiente da terapia de conversão e a maneira como os homens, como figuras de autoridade, frequentemente dominam e oprimem, enquanto as mulheres, que no caso da médica oferecem uma abordagem mais humanizada, são posicionadas como um ponto de contraste, oferecendo um tipo de validação mais acolhedora, embora limitada dentro da narrativa.

Orações para Bobby também aborda o sofrimento causado por valores religiosos conservadores, mas com uma abordagem mais voltada à relação materna. O filme constrói a relação entre Bobby e sua mãe de forma delicada, sem deixar evidente, de imediato, o que está por trás dessa dinâmica. Mas, à medida que a história avança, fica claro que o afeto da mãe está profundamente ligado a suas crenças religiosas e à sua visão tradicional de família. Quando Bobby começa a mostrar quem realmente é, essa relação tão próxima se torna um campo de batalha. O amor que antes parecia incondicional se torna opressor, cheio de exigências, culpa e correções.

Existe um contraste interessante entre *Orações para Bobby* e *Boy Erased*. Enquanto no segundo filme o pai assume a linha dura e insiste na “cura gay”, em *Orações para Bobby* é a mãe quem levanta essa questão. Isso reflete as diferenças nas dinâmicas familiares, mas também os papéis sociais que pais e mães costumam ocupar nessas narrativas. A violência em *Orações para Bobby* é sutil no início, camuflada pelo amor materno, mas igualmente devastadora, pois parte de alguém que Bobby ama e confia.

A lógica da “cura gay” está presente de outra forma. A mãe, movida pela crença religiosa de que a homossexualidade é errada, leva Bobby a uma psiquiatra, esperando que ele possa ser “ajustado” à heteronormatividade. Essa cena revela como a patologização da homossexualidade ainda opera mesmo sem a necessidade de métodos extremos como internações forçadas. A ideia de que um profissional de saúde mental poderia “curar” alguém da sua identidade sexual reforça a noção de que ser LGBTQIA+ é um problema, uma doença, uma falha a ser corrigida.

Contudo, após o suicídio de Bobby, a mãe passa por uma transformação. A dor da perda e a descoberta do sofrimento do filho a impulsionam a questionar as normas impostas pela

sociedade, pela Bíblia, pela igreja e, assim, a romper com as estruturas de poder que inicialmente a limitavam. Sua transição para o ativismo simboliza a tomada de poder, agora de maneira mais consciente, enquanto ela se torna uma defensora das mudanças sociais e da aceitação.

4.3 Família, afeto e repressão

Em *Boy Erased*, a narrativa destaca a sexualidade de Jared como uma falha moral, e como a estrutura familiar atua como um mecanismo de coerção, evidenciando que a rejeição vem não só das instituições religiosas, mas também do núcleo afetivo. O programa de terapia de conversão é um espaço de violência simbólica, onde as normas sociais são reforçadas de maneira impositiva. O ambiente rígido e disciplinador ilustra uma tentativa de controle sobre os corpos e as identidades dos adolescentes que se encontram lá, destacando as estratégias de dominação e a resistência silenciosa que começa a surgir no protagonista.

No início do filme, mesmo com sinais de micro agressões, o pai é apresentado de maneira idealizada: mostrado como uma figura presente, que se orgulha de sua família. No entanto, essa imagem logo se desfaz quando ele começa a demonstrar sua visão rígida e violenta sobre a homossexualidade, o que o leva a forçar Jared a entrar no programa de terapia de conversão. O contraste entre essa primeira imagem e a ausência do personagem ao longo do filme revela a hipocrisia e a violência velada de sua atitude.

Após a cena de flashback que mostra Jared sendo vítima de violência sexual por parte de um colega de faculdade, o pai reaparece na segunda metade do longa, trazendo consigo uma carga de violência verbal e questionando diretamente a homossexualidade do filho. Sua abordagem agressiva, sem qualquer empatia ou compreensão, reflete a incapacidade de lidar com a identidade de Jared. A brutalidade do discurso paterno, sem sinais de mudança ou reflexão, revela a falta de reconciliação ou redenção, tanto para Jared quanto para o próprio pai. O fato de o pai aparecer tão pouco pode ser interpretado como uma escolha cinematográfica deliberada para destacar sua presença apenas como um vetor de repressão.

A ausência prolongada do pai, quando ele é uma figura central na introdução do conflito,

pode ser uma crítica ao modelo familiar tradicional e à masculinidade tóxica que se distancia do amor e da aceitação. A falta de profundidade nas cenas em que o pai aparece pode sugerir que a própria sociedade, representada por ele, não está disposta a encarar as consequências de suas ações, ou sequer a refletir sobre o que causaram a Jared. Ele é uma figura que, em sua rigidez, não consegue se autoanalisar, permanecendo distante da verdadeira experiência de empatia e amor incondicional que se espera de um pai.

Essa escolha de escassez de aparições pode ser também um indicativo de como o filme lida com a violência institucionalizada e a pressão exercida sobre Jared. Ao mostrar o pai apenas em momentos de extrema opressão e violência psicológica, sem permitir qualquer outro tipo de relação ou interação mais aprofundada, o filme sugere que o verdadeiro peso da repressão não vem da ausência do pai em si, mas da forma como ele representa um sistema maior de controle social e moral.

Enquanto *Boy Erased* constrói uma crítica direta à repressão institucional e à masculinidade autoritária por meio de uma estética fria e controladora, *Orações para Bobby* opta por uma abordagem mais emocional e relacional. Ao invés de enfatizar a disciplina como forma de violência, o segundo filme revela como o amor condicionado, mesmo disfarçado de zelo, pode ser igualmente devastador. Essa mudança de tom e forma reflete também a diferença de foco: se em *Boy Erased* a violência parte do pai e de instituições, em *Orações para Bobby*, ela é mediada pelo afeto materno e pela fé.

O filme *Orações para Bobby* constrói inicialmente uma atmosfera de normalidade e aconchego familiar. Essa estética funciona como um dispositivo narrativo para evidenciar que, mesmo em ambientes aparentemente amorosos, há pressões silenciosas que regulam o comportamento e a identidade. Desde os primeiros minutos, o filme começa a indicar que por trás da leveza existe uma norma implícita que precisa ser obedecida, especialmente por Bobby, que já demonstra inquietação diante das expectativas que recaem sobre ele.

Bobby sente a necessidade de se encaixar, de atender às expectativas da família, e isso fica evidente em suas expressões e no próprio modo como interage com os outros. Conversando com a irmã, ele comenta que só é o favorito da família porque ninguém sabe de algumas coisas.

Mesmo sem confrontos diretos, o filme deixa claro que há uma norma implícita ali, e Bobby sabe que não se encaixar nela pode ter consequências.

Na superfície, ninguém na família sabe ainda sobre sua sexualidade, mas a cena já antecipa um conflito inevitável. Bobby sabe que qualquer desvio dessa perfeição projetada pode mudar a forma como a família o enxerga. Esse tipo de expectativa cria um dilema interno: continuar desempenhando esse papel de filho exemplar ou correr o risco de ser visto como uma decepção?

O início do filme funciona quase como uma armadilha emocional para o espectador. A gente se sente confortável naquela atmosfera acolhedora, mas logo percebe que há algo errado. Esse contraste é essencial para que o impacto dos acontecimentos seguintes seja ainda mais forte. *Orações para Bobby* escancara como a rejeição pode começar de forma sutil, travestida de preocupação e amor, mas acaba sendo devastadora.

O relacionamento de Bobby com a mãe, a princípio, parece impecável. Há carinho, proximidade e uma dinâmica quase idealizada entre os dois. Ela o trata com afeto, se orgulha dele, e ele, por sua vez, parece querer corresponder a todas as expectativas que ela tem. Mas essa “perfeição” é frágil, porque está baseada em uma ideia rígida do que um filho deve ser. A mãe de Bobby ama a versão dele que ela acredita conhecer. O problema é que esse amor está condicionado a uma identidade que não é completa, que esconde uma parte essencial dele.

A dinâmica é rápida, logo nos primeiros 15 minutos do filme ocorre uma transição decisiva: a relação inicialmente afetuosa entre Bobby e sua mãe começa a se transformar à medida que sua sexualidade vem à tona. Essa mudança é um dos pontos mais dolorosos da narrativa, pois revela que o problema não está na falta de amor, mas no tipo de amor que impõe condições, um amor que só se sustenta enquanto Bobby corresponde às expectativas religiosas e heteronormativas da família. O que parecia uma relação perfeita desmorona porque, no fundo, nunca se tratou de quem Bobby realmente era, mas da projeção idealizada que a mãe fazia dele.

Após o suicídio de Bobby, na segunda metade, o filme adota uma mudança significativa de tom, marcada principalmente pela intensificação dos diálogos e das atuações. Apesar das cores continuarem suaves, o peso emocional se torna palpável, especialmente por meio da

performance dos atores. Os close-ups e planos fechados com a mãe de Bobby são utilizados para destacar sua dor interna, revelando o impacto da perda do filho devido ao próprio preconceito que ela sustentava.

Em conclusão, a dinâmica de poder da mãe de Bobby revela uma transformação profunda: de uma postura submissa e conformista para uma resistência ativa. Inicialmente alinhada às normas heteronormativas, ela reflete a influência das expectativas sociais sobre sua visão da sexualidade do filho. Porém, após a morte de Bobby, sua dor a leva a questionar essas estruturas de poder, tornando-se uma defensora dos direitos LGBTQIA+.

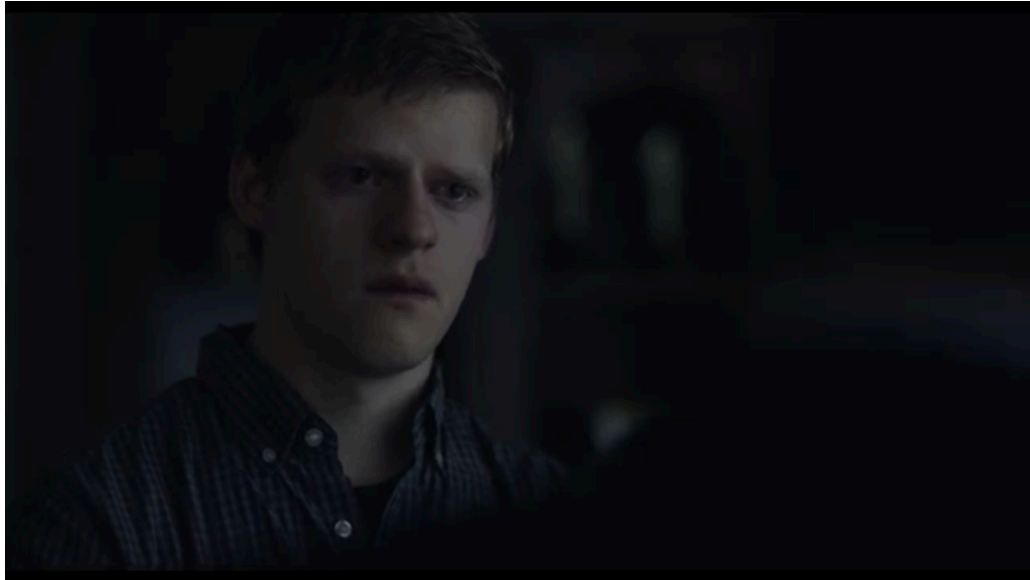
Em perspectiva comparada, os dois filmes revelam como diferentes formas de violência, explícita ou velada, institucional ou familiar, são mobilizadas contra jovens LGBTQIA+. *Boy Erased* denuncia frontalmente os mecanismos de controle exercidos por figuras de autoridade masculina e religiosas, enquanto *Orações para Bobby* expõe o peso emocional de um amor materno condicionado à conformidade religiosa. Ambas as obras desconstruem a ideia de que a rejeição parte apenas da intolerância aberta, mostrando que ela também pode estar disfarçada de cuidado e proteção. Com isso, os filmes convidam à reflexão sobre a urgência de um afeto incondicional, que não imponha regras para existir.

4.4 Repressão e Identidade

Boy Erased denuncia as práticas abusivas da terapia de conversão, mas também constrói uma jornada de resistência. O arco de Jared, que passa da aceitação forçada à afirmação de sua identidade, subverte a lógica do controle social, transformando a narrativa em um testemunho da luta LGBTQIA+ contra a repressão institucionalizada.

O uso de primeiro plano nos personagens LGBTQIA+, principalmente no protagonista, é notável durante as cenas emocionais intensas. Esses planos aproximados capturam microexpressões, olhos lacrimejando, feições de desespero, que revelam o impacto psicológico e emocional das experiências vividas. A câmera permite ao público se conectar com a dor de Jared sem a necessidade de palavras, criando uma atmosfera de isolamento emocional que sugere como os personagens se veem e como são vistos pela sociedade.

Figura 3: Em primeiro plano, Jared aparece com os olhos marejados, visivelmente abalado.



Fonte: Boy Erased, direção de Joel Edgerton, 2018

O uso do ângulo da câmera nas cenas de carro também é uma escolha cinematográfica significativa. No início do filme, Jared é filmado de frente, usando roupas claras e com uma expressão neutra, que pode revelar sua confusão diante da situação.

Figura 4: Jared e sua mãe, filmados de frente, vestindo roupa de cores claras.



Fonte: Boy Erased, direção de Joel Edgerton, 2018

Figura 5: Última cena do filme. Jared filmado de costas, vestindo roupa escura.



Fonte: Boy Erased, direção de Joel Edgerton, 2018

Há uma cena de estupro construída com tensão psicológica evidente na iluminação sombria, no uso de enquadramento fechado e na trilha sonora opressiva. O plano médio restringe a perspectiva, aumentando a sensação de violência. A escuridão e a música intensa acentuam o

tom de medo e impotência, ampliando a vulnerabilidade do personagem e o desconforto do espectador.

Após essa cena, o clima do filme torna-se ainda mais opressivo. A iluminação escura e a trilha sonora dissonante refletem o trauma psicológico de Jared. A escuridão simboliza o vazio e a dor, enquanto a música mais grave acentua a angústia. O filme utiliza esses recursos para destacar a profundidade do trauma e criar uma conexão mais íntima com o sofrimento do personagem.

A cena do velório falso representa um dos momentos mais violentos do filme, do ponto de vista emocional. A filmagem intimista e subjetiva enfatiza a experiência interna de Jared, imerso em crise e desespero. A trilha sonora intensa se sobrepõe aos sons do ambiente, e o contraste entre silêncio e murmúrios abafados sugere um estado de ansiedade extrema, como se o mundo ao redor estivesse se dissolvendo. O velório simbólico, ainda que de seu colega, representa a tentativa de destruir a identidade e a autonomia de Jared, uma “morte” emocional e psicológica, como se sua negação fosse necessária para que ele se adequasse aos padrões impostos. O silêncio é a perda de sua voz e a evidência de sua alienação.

Assim como *Boy Erased*, o filme *Orações Para Bobby* aborda com sensibilidade o sofrimento psicológico causado por ambientes familiares e religiosos que não acolhem identidades LGBTQIA+. Enquanto Jared enfrenta a repressão institucionalizada em um centro de conversão, Bobby sofre a violência simbólica mais íntima: o não reconhecimento dentro da própria casa. Ambas as narrativas revelam como a rejeição sistemática pode levar a consequências profundas, inclusive irreversíveis.

Uma montagem subjetiva se intensifica ao longo do filme, tornando-se central na construção da angústia interna de Bobby. Ela permite ao espectador acessar diretamente seu conflito, algo que não seria tão evidente apenas pelas interações externas. A tensão entre a fachada que ele sustenta e sua verdadeira identidade é escancarada por essa linguagem cinematográfica.

A cena do jantar na casa dos pais do namorado de Bobby, onde o companheiro é aceito pela família, aprofunda esse contraste. A montagem subjetiva reaparece, transformando uma

situação cotidiana em um momento de extrema tensão simbólica. A aceitação que Bobby presencia no outro acentua sua própria rejeição, aumentando sua sensação de inadequação e solidão.

O suicídio de Bobby, logo após esse jantar, é o clímax desse sofrimento. A montagem subjetiva se intensifica, guiando o espectador até o desfecho trágico. O suicídio não é apenas o fim de uma vida, mas a consequência direta de uma série de violências emocionais e simbólicas acumuladas. Ele representa a falta de acolhimento, o silenciamento da identidade e o fracasso coletivo da sociedade em proteger quem mais precisa ser ouvido.

Figura 6: Cena do suicídio de Bobby.



Fonte: Orações Para Bobby, direção de Russell Mulcahy, 2009

Tanto *Boy Erased* quanto *Orações Para Bobby* revelam os efeitos devastadores da rejeição familiar, religiosa e institucional sobre a juventude LGBTQIA+. Enquanto Jared encontra forças para resistir, Bobby é tragado pela dor. São dois retratos complementares da violência simbólica, uma que tenta corrigir, outra que ignora até às últimas consequências. Juntos, os filmes funcionam como um apelo urgente por empatia, escuta e transformação.

4.5 Elementos visuais e sonoros como reforço da opressão

Neste tópico, quatro cenas foram selecionadas pela forma como articulam elementos visuais e sonoros para expressar a opressão vivida por personagens LGBTQIA+. As duas primeiras pertencem ao filme *Boy Erased* e retratam, respectivamente, uma cena de estupro e um velório simbólico. As outras duas, de *Orações para Bobby*, abordam um jantar familiar e o suicídio do protagonista. Esses momentos condensam os efeitos da violência simbólica e afetiva mediada por instituições como a família e a religião, sendo fundamentais para refletir sobre as relações de poder, subjetividade e visibilidade discutidas ao longo da análise.

A partir dessas cenas, podemos observar como a construção visual e sonora desempenha um papel importante na materialização dessa opressão, evidenciando o controle e o silenciamento impostos aos corpos LGBTQIA+. A escolha por esse tipo de enquadramento revela como o corpo de Jared é filmado como espaço de controle e punição. O uso da câmera em plano médio, aliado à trilha musical intensa que remete à sensibilidade ou subjetividade do personagem, reitera a desumanização. Jared não está apenas sendo violentado fisicamente, mas silenciado visual e sonoramente, sua dor é amplificada não por palavras, mas pela forma como a cena é construída.

Essa lógica de dominação simbólica continua em outra cena de *Boy Erased*, a do velório simbólico. O momento representa uma das violências mais intensas do filme, do ponto de vista emocional. A filmagem que alterna entre plano geral e primeiro plano enfatiza a experiência interna de Jared, imerso em crise e desespero. A trilha sonora intensa se sobrepõe aos sons do ambiente, e o contraste entre silêncio e murmúrios abafados sugere um estado de ansiedade extrema, como se o mundo ao redor estivesse se dissolvendo.

O velório representa uma tentativa ritualística de apagar a identidade do colega de retiro. O uso do silêncio como estratégia narrativa traduz a perda da voz, tanto literal quanto simbólica. Jared é colocado em cena como espectador da violência contra alguém cujo “desvio” precisa ser sepultado para dar lugar ao filho “ideal” – uma violência indireta, pois Jared também é gay.

O filme *Orações para Bobby* também traz cenas em que a construção traduz visualmente

essa tensão. No jantar na casa dos pais do namorado de Bobby, há um contraste sutil, porém poderoso. O companheiro é aceito com naturalidade pela família, enquanto Bobby permanece como espectador. A montagem subjetiva reaparece, transformando o que poderia ser uma cena comum em um momento de grande carga simbólica. O acolhimento que Bobby presencia – e deseja, sem sucesso – evidencia ainda mais sua rejeição, e o modo como ele é posicionado em cena reforça sua sensação de inadequação.

Figura 7: Cena do jantar. Bobby como espectador.



Fonte: Orações Para Bobby, direção de Russell Mulcahy, 2009

Essa inadequação encontra seu ponto mais trágico na cena seguinte, também em *Orações para Bobby*: o suicídio. A montagem se intensifica, acompanhando o colapso do personagem com uma sensibilidade visual que dialoga com a dor emocional acumulada. O suicídio não é apenas o fim de uma vida, mas a consequência direta de uma série de violências simbólicas. O silêncio, os planos subjetivos e a trilha constroem uma cena carregada de tensão e melancolia.

Conforme demonstram essas cenas, o cinema pode não apenas representar, mas intensificar experiências de exclusão e sofrimento. A forma como a câmera observa (ou ignora), como os sons são inseridos ou retirados, e como os corpos se colocam dentro do quadro são

aspectos que revelam muito mais do que as palavras ditas. Em *Boy Erased* e *Orações para Bobby*, a mise-en-scène atua como agente político e emocional, construindo visualmente as consequências do silenciamento imposto às pessoas LGBTQIA+. Essas escolhas estéticas, longe de serem neutras, reforçam ou desestabilizam estruturas de poder.

Ao lançar esse olhar crítico, percebemos que cada plano, cada som abafado e cada silêncio constrói um discurso sobre quem tem direito à existência plena e quem precisa ser corrigido, escondido ou esquecido. As imagens falam, e, nesse caso, gritam sobre o custo de se viver em um mundo que ainda falha em acolher a diferença.

5. Conclusão

Em conclusão, a análise dos filmes *Boy Erased* e *Orações Para Bobby* revela como a representação da homossexualidade e das relações familiares pode ser abordada de maneiras complexas e diversas no cinema, refletindo as diferentes formas de poder e conflito dentro dessas narrativas. Ambos os filmes lidam com o impacto do conflito interno dos personagens em relação à sua identidade sexual e à dinâmica familiar que frequentemente impõe uma pressão pesada sobre eles.

Enquanto *Boy Erased* apresenta um conflito explícito e brutal com a tentativa de conversão forçada por meio de terapias de “cura gay”, *Orações para Bobby* explora uma dinâmica mais sutil, mas igualmente devastadora, de um conflito internalizado que, embora não envolva terapias de conversão, ainda é gerido por uma mãe que inicialmente nega a identidade do filho para alinhar-se às expectativas sociais e convenções religiosas.

Ambos os filmes mostram o impacto profundo dessas normas e o poder da transformação individual em resposta ao sofrimento. A utilização da montagem subjetiva, com o foco no ponto de vista dos protagonistas, permite uma imersão nas experiências emocionais desses personagens, destacando a complexidade do luto e da autocompreensão em um contexto de opressão social. Através dessas representações, os filmes não apenas expõem os desafios que as pessoas LGBTQIA+ enfrentam dentro de suas famílias e comunidades, mas também abrem espaço para uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder que regulam a sexualidade e as normas de gênero.

Esses filmes, embora distintos em suas abordagens, demonstram como o cinema pode ser um reflexo das transformações socioculturais e das lutas individuais e coletivas. Em *Orações para Bobby*, a obra aborda a luta silenciosa de um jovem que tenta se ajustar às expectativas de uma sociedade rígida e uma família que ainda não compreende ou aceita sua identidade.

Em *Boy Erased*, o foco na terapia de conversão, a tentativa de “cura” de um indivíduo pelo uso de métodos que buscam a anulação da sua orientação sexual, apresenta uma forma mais explícita de opressão, com um conflito direto entre os valores familiares e a identidade do protagonista.

Ambos os filmes, por mais que tratem de histórias individuais, tocam em questões universais sobre a aceitação da identidade e a busca por pertencimento. Eles ressaltam o papel das famílias como agentes de poder, que podem tanto limitar quanto possibilitar a liberdade de seus membros, e como a sociedade, por meio de normas de gênero e sexualidade, exerce uma influência direta na vivência e na compreensão dessas identidades.

O cinema, ao se debruçar sobre essas questões, contribui para a reflexão crítica sobre as formas de violência simbólica e material que pessoas LGBTQIA+ enfrentam, além de demonstrar a importância de espaços de acolhimento e aceitação na construção de um ambiente mais inclusivo e diverso.

Essas representações cinematográficas, ao mesmo tempo que retratam o sofrimento e as adversidades, também abrem caminhos para o debate sobre transformação e resistência. As narrativas de *Orações para Bobby* e *Boy Erased* não se limitam a denunciar as dificuldades enfrentadas pelas pessoas LGBTQIA+, mas também mostram a resistência que emerge, seja por meio da luta interna dos personagens, da mudança de perspectiva de membros da família ou da atuação em prol de um bem maior.

É válido ressaltar que ambas as histórias são baseadas em fatos reais, portanto, o cinema, assim, se configura não apenas como um espelho das realidades que mostra, mas como um agente de potencial transformação social, capaz de engajar os espectadores em uma reflexão mais profunda sobre os valores, as normas e as dinâmicas de poder que estruturam a sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

A Bíblia. Tradução de Joseph Smith. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Salt Lake City, Utah, EUA. Intellectual Reserve, Inc, 2015. 2055 p. Velho Testamento e Novo Testamento. Disponível em:
https://www.churchofjesuschrist.org/bc/content/shared/content/portuguese/pdf/language-materials/83800_por.pdf. Acesso em 16/04/2024

AGÊNCIA BRASIL. Com 105 mortes em 2024, Brasil é o país que mais mata pessoas trans. Agência Brasil, 2025. Disponível em:
https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2025-01/com-105-mortes-em-2024-brasil-e-o-pais-s-que-mais-mata-pessoas-trans?utm_source. Acesso em: 28/03/2025

AGÊNCIA BRASIL. Pesquisa reunirá dados sobre saúde mental de 35 mil pessoas LGBTI. Agência Brasil, 13 jul. 2023. Disponível em:
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-07/pesquisa-reunira-dados-sobre-saude-mental-de-35-mil-pessoas-lgbti>. Acesso em: 28/02/2025

Agência Brasil. Setembro de 2020. **TV brasileira: Programação na primeira década.** Disponível em:
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-09/tv-brasileira-programacao-primeira-decada>. Acesso em: 05/07/2024

Agência IBGE Notícias. **De 2010 a 2022, população brasileira cresce 6,5% e chega a 203,1 milhões.** 28 de junho de 2023. Disponível em:
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37237-de-2010-a-2022-populacao-brasileira-cresce-6-5-e-chega-a-203-1-milhoes>. Acesso em: 23/05/2024

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Portal LGBT. Disponível em:
<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/lgbt>. Acesso em: 07/08/2024

Butler, Judith. **Corpos que importam: Os limites discursivos do "sexo"**. Tradução de Inês Mendonça. São Paulo: n-1 edições, 2019. Disponível em:

https://transreads.org/wp-content/uploads/2021/07/2021-07-28_61015fcd45193_CorposqueimportamoslimitesdiscursivosdosexoPortuguezeEditionbyJudithButlerz-lib.org_.pdf. Acesso em: 05/07/2024

Butler, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Disponível em:

https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/869762/mod_resource/content/0/Judith%20Butler-Prblemas%20de-g%C3%AAnero.Feminismo%20e%20subvers%C3%A3o-da%20identidade-Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira-%202018.pdf. Acesso em: 28/06/2024

Butler, Judith. **Quem tem medo do gênero?**. Tradução de Heci Regina. São Paulo: Boitempo, 2024. Disponível em:

file:///C:/Users/07166643641/Downloads/Quem%20tem%20medo%20do%20g%C3%AAnero_%20Judith%20Butler.pdf. Acesso em: 29/07/2024

Butler, Patrick. **Church of England demands ban on conversion therapy**. The Guardian, Londres, 8 jul. 2017. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/world/2017/jul/08/church-of-england-demands-ban-on-conversion-therapy>. Acesso em: 25/06/2024

Canassa, Cristiane Peres. **TELEJORNALISMO BRASILEIRO: O MODELO PADRÃO E OS NOVOS DESAFIOS DA REPORTAGEM TELEVISIVA**. REVISTA ADVÉRBIO, [S.l.], v. 10, n. 21 de fevereiro de 2017. ISSN 1808-883X. Disponível em:

<https://adverbio.fag.edu.br/index.php/ojs3/article/view/38>. Acesso em: 05/06/2024

Center for American Progress. **Widespread discrimination continues to shape LGBT people's lives in subtle and significant ways**. 02 de maio de 2017. Disponível em:

<https://www.americanprogress.org/article/widespread-discrimination-continues-shape-lgbt-peoples-lives-subtle-significant-ways/> Acesso em: 27/06/2024

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS SERVIDORES PÚBLICOS FEDERAIS (CONSEF).
Brasil lidera ranking de países que mais matam LGBTQIA+, maioria são pessoas trans.

Disponível em:

<https://www.condsef.org.br/noticias/brasil-lidera-ranking-paises-que-mais-matam-lgbqtqia-maioria-pessoas-trans>. Acesso em: 26/06/2024

Costa, Luisa Brandão; Costa, Júlia Pagano; Kahhale, Edna M. S. Peters; Brambilla, Beatriz Borges. **Ansiedade ou cisheteronormatividade? Um estudo de caso na clínica em psicologia sócio-histórica**. Mosaico, [S.l.], v. 14, n. 2, p. 1-15, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/download/37547/37433/157851>. Acesso em: 23/07/2024

Ellis, John. **Seeing things: television in the age of uncertainty**. London: I. B. Tauris, 2000. Distribuído por St. Martin's Press. P. 1-16. Acesso em: 15/10/2024

Global Religion 2023 Ipsos. **89% dos brasileiros acreditam em Deus ou em um poder maior, aponta pesquisa Ipsos**. 17 de maio de 2023. Disponível em:

<https://www.ipsos.com/pt-br/89-dos-brasileiros-acreditam-em-deus-ou-em-um-poder-maior-aponta-pesquisa-ipsos#:~:text=A%20pesquisa%20%E2%80%9CGlobal%20Religion%202023,de%203%2C5%20pontos%20percentuais>. Acesso em: 23/05/2024

Green, James N. Quinalha, Renan. **Ditadura e homossexualidades: Repressão, resistência e a busca da verdade**. Outubro de 2019. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=IHGxEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT409&dq=ditadura+e+homossexualidade&ots=43XkGey_mA&sig=rvpiqPTPA67elhU6vU22eAekYsg#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 28/05/2024

Hall, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira; organização e revisão técnica de Arthur Ituassu. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016. 260 p. ISBN 978-85-8317-048-8. Disponível em:

file:///C:/Users/07166643641/Downloads/HALL_Cultura_e_Representa%C3%A7%C3%A3o_-_2016.pdf. Acesso em: 28/03/2025

Helminiak, Daniel. **O que a bíblia realmente diz sobre a homossexualidade**. São Paulo:

Summus, 1988. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=XhkMPUeA5b0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 16/04/2024

IBDFAM. **Adoção por casais homoafetivos e o melhor interesse da criança**. 10 de junho de 2015. Disponível em:

<https://ibdfam.org.br/artigos/1043/Ado%C3%A7%C3%A3o+por+casais+homoafetivos+e+o+mehor+interesse+da+crian%C3%A7a#:~:text=As%20evid%C3%Aancias%20mostram%20que%20C%20para,no%20comportamento%20dos%20filhos%20adotados>. Acesso em: 04/07/2024

IBDFAM. **Mais de 50 mil crianças foram registradas por casais homoafetivos no Brasil nos últimos três anos**. 01 de março de 2024. Disponível em: <https://ibdfam.org.br/noticias/11607/>.

Acesso em: 04/07/2024

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>. Acesso em: 23/05/2024

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13937-asi-censo-2010-populacao-do-brasil-e-de-190732694-pessoas#:~:text=06%2F2023%2015h17-,Ap%C3%B3s%20cerca%20de%20quatro%20meses%20de%20trabalho%20de%20coleta%20e,de%20agosto%20C%20data%20de%20refer%C3%Aancia..> Acesso em: 23/05/2024

Kellner, Douglas. *A cultura da mídia: estudos culturais : identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001. 454 p. ISBN 85-7460-073-3. Acesso em: 28/03/2025

Lupa. **Como posts anti-LGBT usam a defesa da família para espalhar desinformação e ódio no Facebook**. Lupa, São Paulo, 14 de maio de 2024. Disponível em:

<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/14/como-posts-anti-lgbt-usam-a-defesa-da-familia-para-espalhar-desinformacao-e-odio-no-facebook>. Acesso em: 10/06/2024

Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **LGBTQIA+**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/lgbt>. Acesso em: 04/10/2024

Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Dossiê apresentado ao MDHC indica 273 mortes de LGBTI+ no Brasil em 2022**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/dossie-apresentado-ao-mdhc-indica-273-mortes-de-lgbtia-no-brasil-em-2022>. Acesso em: 24/06/2024

Mota, Maria Antonieta Pisano. **Homoparentalidade e Superação de Preconceitos**. Rev. Jurídica Consulex, n.123, 01 de jul. de 2010, p.29-30. Acesso em: 04/07/2024

Muskopf, André. **Teologias Gay/Queer**. São Paulo: Max Editora, 2019. Disponível em: <https://catolicas.org.br/wp-content/uploads/2020/08/2019-Livro-Teologias-Fora-do-Armario-Catolicas.pdf>. Acesso em 16/04/2024

Nova, Daniel Vila. Gama Revista. Fevereiro de 2024. A representatividade LGBTQIA+ nas novelas brasileiras. Disponível em: [https://gamarevista.uol.com.br/semana/qual-e-sua-novela-favorita/a-representatividade-lgbtqia-nas-novelas-brasileiras/#:~:text=H%C3%A1%20cerca%20de%2054%20anos,no%20C%C3%A9u%E2%80%9D%20\(1970\)](https://gamarevista.uol.com.br/semana/qual-e-sua-novela-favorita/a-representatividade-lgbtqia-nas-novelas-brasileiras/#:~:text=H%C3%A1%20cerca%20de%2054%20anos,no%20C%C3%A9u%E2%80%9D%20(1970)). Acesso em: 05/07/2024

O POVO. **Pastor André Valadão diz que se pudesse, "Deus mataria" a população LGBTQIA+** | O POVO NEWS. YouTube, 03 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bIdsItsThYY&t=73s>. Acesso em: 18/04/2024

Pacheco, Ronilso. Moura, João Luiz. **Jesus e os direitos humanos: porque o reino de Deus é justiça, paz e alegria** – Rio de Janeiro: Vlado, 2018. Disponível em:

https://www.google.com/url?q=https://www.academia.edu/45217770/Jesus_e_os_Direitos_Humanos&sa=D&source=docs&ust=1724348873749035&usg=AOvVaw2Uk1Q3ookxou8XyFEbWpx2. Acesso em: 22/08/2024

Sedgwick, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 24, p. 9-54, 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcOckryVj3MMbWsTF5pnqn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27/06/2024

Shohat, Ella; STAM, Robert. ***Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação***. São Paulo: Cosac Naify, 2006. 528 p. Disponível em:

file:///C:/Users/07166643641/Downloads/SHOHAT,%20Ella%3B%20STAM,%20Robert%20-%20Cri%CC%81tica%20da%20imagem%20euroce%CC%82ntrica.%20Multiculturalismo%20e%20representac%CC%A7a%CC%83o.pdf. Acesso em: 28/03/2025

Spinelli, Egle Müller. **Jornalismo Audiovisual: Gêneros e Formatos na Televisão e Internet**. Revista ALTERJOR, Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP), Ano 03, Volume 02, Edição 06, Julho-Dezembro de 2012. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88269/91147>. Acesso em: 10/07/2024

Vines, Matthew. **God and the Gay Christian: A Response to Matthew Vines**. Louisville:

SBTS Press, 2014. Disponível em: <https://hisbridgemedial.com/docs/GGC-Book.pdf>. Acesso em: 04/07/2024